

Pontifícia Universidade Católica
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Isadora Rath Kolyniak

A NARRATIVA FANTÁSTICA E SEU LEITOR:
Uma aproximação fenomenológico-existencial

São Paulo
2015

Pontifícia Universidade Católica
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Isadora Rath Kolyniak

A NARRATIVA FANTÁSTICA E SEU LEITOR:
Uma aproximação fenomenológico-existencial

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso Psicologia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Marina Pereira Gomes.

São Paulo
2015

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à orientadora, Prof.^a Dra. Marina Pereira Gomes, que acompanhou este trabalho com serenidade, essencial para que a calma fosse mantida no processo estressante que é o TCC. Foi uma jornada tranquila.

Agradeço aos meus pais, Carol e Helena, que me ajudaram na formatação, na organização do trabalho, e no transporte pra fazer as entrevistas. E, claro, foi uma boa ajuda terem me trazido ao mundo, me mostrado o mundo e me incentivado a gostar de aprender. Bons professores, bons pais.

Agradeço ao Prof. Marcos Medeiros, que orientou o Projeto de Pesquisa e foi muito gentil e prestativo.

Agradeço ao Prof. Dr. Marcelo Sodelli, que deu várias dicas decisivas pra construir o método de pesquisa.

Agradeço ao participante da pesquisa, que é uma pessoa fantástica em vários aspectos, inclusive nas peculiaridades que este trabalho destacou.

Também agradeço aos vários colegas da Psicologia com quem pude compartilhar o estresse e ocasionais crises do TCC. Estávamos todos juntos nessa, meus doidos.

Aos outros fatores para minha tranquilidade geral durante o ano, também devo uma menção. Irmão (poeta), R (meu amor), meus gatos e cachorros (companhias), pizza e hambúrguer (combustível), Netflix (interlúdio), meu psicólogo (autoexplicativo), meu sítio (refúgio), meus amigos (de longa data), Nina (meu carvalho, minha rainha!), e minha escola (bom e velho CSD), que me ensinou bem.

Embora não seja elegante, devo agradecer igualmente a mim mesma. É difícil manter-se concentrada num trabalho extenso, mesmo quando o tema é agradável. Se eu não tivesse mantido a mencionada calma, este último ano teria sido bem mais exaustivo. Obrigada, Isa.

Por fim, dedico este trabalho a um colega e amigo querido.

Danilo, você faz muita falta.

RESUMO

Autor: Isadora Rath Kolyniak. Título: A narrativa fantástica e seu leitor: uma aproximação fenomenológico-existencial. 2015. Orientador: Prof.^a Dr.^a Marina Pereira Gomes.

O presente trabalho procurou abordar o papel da Literatura Fantástica na vida de seus leitores, por meio de um estudo de caso, discutindo quais são os elementos em jogo quando se fala de criatividade e racionalismo. O método utilizado foi a entrevista reflexiva, em que um sujeito foi convidado a dar depoimento sobre sua experiência com esse gênero literário. A entrevista com a pergunta desencadeadora “por que você gosta de literatura fantástica?” foi gravada, transcrita e analisada de acordo com a hermenêutica heideggeriana. Foi feita uma reflexão sobre o relato, amarrando conceitos da fenomenologia existencial tais como a questão da técnica, tédio e autenticidade, chegando-se à compreensão de que o entrevistado encontra na fantasia uma forma mais própria de ser ele mesmo e de suportar o modo indiferente do mundo se apresentar para ele. Isso levou a pensar a Literatura Fantástica como um caminho para o ser humano se colocar como possibilidades múltiplas, como abertura, em oposição ao pensamento que calcula e prevê as possibilidades da facticidade.

Palavras-chave: fenomenologia existencial, literatura fantástica, tédio.

SUMÁRIO

1 Introdução	6
2 Método	11
3 A Entrevista Reflexiva	13
4 Análise de Sentido	24
5 Considerações Finais	34
Referências Bibliográficas	35
Anexos	37

1 INTRODUÇÃO

A Literatura Fantástica, gênero que pode ser dividido em vários subgêneros com diversas definições (como o *Horror*, a *Fantasia* e a *Ficção Científica*), tem no nosso século recebido especial atenção nas diversas mídias e pelo público, que vem se diversificando cada vez mais. Livros como “O Senhor dos Anéis”, “Harry Potter”, “Percy Jackson”, “As Crônicas do Gelo e do Fogo”, “As Crônicas de Nárnia” tornaram-se populares e se difundiram globalmente (também na forma de filmes, jogos e outros produtos).

As narrativas desse estilo são frequentemente referidas como *infantis*, por se tratarem de eventos “impossíveis”, sobrenaturais, o que é marcante na sociedade ocidental atual, considerando o direcionamento racionalista da mesma. Segundo Marçal (2009):

“O sobrenatural, o ocultismo, a magia, o pensamento mágico e religioso são relegados à marginalidade e são negados sistematicamente por uma ideologia burguesa racionalista que identifica tais temas e formas de concepção de mundo com uma cultura primitiva e "devidamente dominada" pela superioridade da sua civilização. O conto maravilhoso foi apropriado pelo mundo burguês como anti-modelo instrutivo daquilo em que não se pode crer, porque sua estrutura inverossímil e hermética não abala as coordenadas racionais sobre as quais se apoia a dicotomia excludente entre o real e o irreal” (p. 3-4)

Existem também referências a esse gênero literário como um mecanismo de *escapismo*. Um dos principais autores a trazerem esse tipo de crítica foi Edmund Wilson (1959 *apud* KYRMSE, 2003, p. 136), que atacou o autor de “O Senhor dos Anéis” chamando o livro de “lixo juvenil”. Hoff e Volcato (2010) discutem a noção do escapismo como mecanismo de quem não possui “maturidade” ou “força” suficiente para encarar a realidade, citando Scull e Hammond (2006).

O modo de falar do escapismo e envolver o conceito de *realidade* nos remete novamente à aversão ao irracional. Tudo o que é chamado “irracional” facilmente cai para o âmbito da “loucura”, tal como ela é vista na nossa época: doença. Fantasiar parece ser ligada à alucinação, a delírios, a um modo não saudável de se ocupar.

Afastando-se das visões críticas, entretanto, podemos encontrar falas diferentes tanto de escritores quanto de leitores. Martin, autor de livros de Fantasia, afirmou no livro de Perret (1996):

“Lemos fantasia para encontrar as cores novamente, eu acho. Pra experimentar temperos fortes e ouvir as sereias cantarem. Há algo de antigo e verdadeiro na fantasia que fala pra algo fundo dentro de nós, pra criança que sonhou que um dia em caçar nas florestas na noite, e banquetear sob as montanhas ocas e encontrar um amor que dura para sempre, em algum lugar ao sul de Oz e ao norte de Shangri-La” (tradução nossa¹)

Também se encontra na internet – em sites dedicados a séries de Fantasia, blogs – relatos de fãs sobre o sentido que a leitura teve em suas vidas. Um deles publicou sua história, afirmando que antes de *Harry Potter* não gostava do gênero, mas que em certo momento de sua vida isso mudou:

“No meu grupo de apoio a sobreviventes de suicídio, fomos encorajados a encontrar um herói – alguém que pudéssemos visualizar nas nossas mentes a qualquer momento em que nos víssemos capturados por ideação suicida – e *Harry Potter* se tornou o meu, quando eu mais precisei de um herói” (CARSON, 2011, tradução nossa²).

A leitura em si, de qualquer gênero que seja, sempre possui um significado importante, algo que motiva o leitor a acompanhar a história até o final. A Fantasia

¹ “We read fantasy to find the colors again, I think. To taste strong spices and hear the song the sirens sang. There is something old and true in fantasy that speaks to something deep within us, to the child who dreamt that one day he would hunt the forests of the night, and feast beneath the hollow hills, and find a love to last forever, somewhere south of Oz and north of Shangri-La”. MARTIN, George R R in: PERRET, Pati: *The Faces of Fantasy: photographs by Pati Perret*. New York: TOR, 1996.” Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site <http://www.georgerrmartin.com/about-george/on-writing-essays/on-fantasy-by-george-r-r-martin/>

² “In my suicide survivor support group, we were encouraged to find a hero--somebody we could picture in our minds any time we found ourselves getting caught-up into suicidal ideation--and *Harry Potter* had become mine, at a time when I needed a hero the most.” Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site <http://harrypotterforwriters.blogspot.com.br/2011/07/guest-post-dear-jo-rowling-you-saved-my.html>.

especificamente, porém, tem sido um caso especial por ser largamente acessado por um público jovem, que também gera movimentos diversos: sites dedicados a autores e títulos (tais como: <http://potterish.com>, <http://wic.net> e outros), convenções de fãs, como o “Hogwarts Convention” e “RingCon”, e até mesmo produções independentes como vídeos, histórias escritas e desenhos, com sua base em outros sites como <http://fanfiction.net> e <http://deviantart.com>. Observa-se, dessa maneira, como a internet também tem papel importante na vinculação de fãs numa dimensão globalizada.

Em apoio dessas afirmativas pode-se também citar informações constantes em páginas da web, tais como Charlezine³, Revista Bula⁴ e USA Today⁵. Segundo essas fontes, os livros da série “Harry Potter”, considerado Fantasia Infanto-juvenil, estão entre os mais vendidos dos últimos anos. Os livros de Tolkien (“O Senhor dos Anéis” e “O Hobbit”), também Fantasia Infantil, constam na lista dos 20 mais vendidos da história.

Por que a fantasia produz esse efeito? Qual é o grande atrativo que tem atingido crianças, adolescentes, e adultos?

Apesar de existirem trabalhos sobre a Literatura Fantástica, os que foram encontrados são teóricos, como os de Todorov (1981) e Furtado (1980), que trazem definições sobre o estilo literário especialmente em sua forma e objetivo, porém sem descrições de experiência pessoal dos leitores ou autores, que seriam importantes para a compreensão dos efeitos que a Literatura Fantástica tem sobre muitas pessoas, para além do que sua estrutura formal pretende produzir.

Em trabalhos mais recentes, como de Sá (2003) e Lobo (2012), temos revisitações aos mesmos autores. Martinho (2010) faz uma discussão teórica sobre o assunto, passando por aspectos ideológicos, filosóficos, psicológicos (fazendo referência enfática à psicanálise), sociológicos e míticos, com um foco na relação real/irreal. Outros autores mencionados nesses trabalhos foram Sartre e Lovecraft. Lobo explica que Sartre elaborou uma diferenciação entre o que seriam narrativas fantásticas tradicionais e uma nova configuração de narrativa na qual a perplexidade diante do elemento *sobrenatural* é superada e a dicotomia desse elemento com o *natural* é rompida. Sá discute que

³ <http://charlezine.com.br/os-20-livros-mais-vendidos-da-historia/>

⁴ <http://www.revistabula.com/475-os-10-livros-mais-vendidos-da-historia/>

⁵ http://usatoday30.usatoday.com/life/books/news/2008-10-29-top-150-books_N.htm?csp=34

Lovecraft (1973) trouxe a conexão da fantasia e o sobrenatural com o terror, num ponto de vista voltado para o conteúdo.

Na tese de Sá (2003), não obstante é citado o autor Louis Vax, que traz enfim a questão da variação do sentimento gerado pelo fantástico de indivíduo a indivíduo, e o texto discorre: “A estética da recepção, surgida em 1967, viria ao nosso auxílio ao colocar em questão a figura do leitor como determinante na geração de sentido no texto”.

A Estética da Recepção, junto da Teoria do Efeito, aparece com autores como Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, que encaram a interpretação das obras de arte num novo horizonte. Sobre Iser, o trabalho de Costa (2012) afirma: “Para o teórico, o verdadeiro objeto literário não é o texto objetivo e nem a experiência subjetiva, mas a interação entre ambos”. Assim, pode-se dizer que o sistema de comunicação da arte consiste em três pontos de intersecção: autor, obra e leitor.

Visto que nenhum dos trabalhos encontrados envolveu um estudo de campo, novamente é destacada uma necessidade de explorar mais a experiência da leitura, além do que se pode ver à distância no mero comportamento de quem é “fanático” por uma ou mais histórias de Literatura Fantástica. Que lugar ocupa a leitura dessas narrativas na vida dos leitores? Que sentidos são produzidos?

Para investigar essa questão, no presente trabalho é utilizada uma aproximação fenomenológica heideggeriana. Nessa investigação, o olhar implica numa reflexão.

“Assim, a tarefa de se pensar a possibilidade de uma metodologia fenomenológica de conhecimento é, em última instância, uma reflexão sobre o modo humano de ser-no-mundo, inclusive tal como desdobrado na tradição da civilização ocidental. Mais do que ponderar a respeito de instrumentais, o delineamento de uma metodologia de investigação a análise fundada na fenomenologia deverá cuidar do *talhamento de um olhar*. Ao mesmo tempo em que intenta moldá-lo, deverá ir despindo-o de um hábito desde há muito invisível.” (CRITELLI, 1996, p. 16)

Na perspectiva heideggeriana, explicitado na obra *Ser e Tempo* de Martin Heidegger (2012a), o modelo de relação sujeito-objeto é rompido dando lugar à de ser-no-mundo. O ser-no-mundo configura-se numa cadeia de sentidos em que não existem separações.

Dentro do rigor da abordagem, o ser dos entes nunca é estagnado, é sempre um *sendo*, um *estar*, sempre aberto a diferentes modos de ser, possibilidades: ser-aí. Dessa maneira, o ser-aí está continuamente dentro duma temporalidade, que é a morada do sentido do ser.

A constante construção do ser dispensa, assim, uma visão de que os entes oponham aparência e essência. Esse esclarecimento é importante para contrapor a metafísica, que considera a “aparência” como enganosa. Não existe maneira de conhecer que não seja a partir aparência, pela revelação das coisas. O fenômeno é esse revelar-se, que não é isolado, mas sempre dentro de um horizonte de sentidos. Assim, neste estudo procurou-se um método que fosse coerente com a compreensão que se pretende construir direcionada pela fenomenologia.

OBJETIVO

Neste trabalho buscou-se explorar a relação entre leitores e narrativas fantásticas, com um foco maior no subgênero da *Fantasia* devido a sua projeção na cultura popular. No entanto, a Ficção Científica e o Horror também se revelaram durante a pesquisa num lugar de destaque.

O método utilizado foi a entrevista reflexiva, que em sua definição não deve possuir roteiro fechado. O entrevistador deve demonstrar sua compreensão do discurso apresentado pelo entrevistado, e realizar uma devolutiva que pode produzir ainda novas considerações, e nesse processo os dois participantes são coautores. Desta forma, tenta-se manter a coerência com a aproximação fenomenológica descrita por Critelli (1996), que fala no talhamento de um olhar e numa reflexão.

Seria possível criar hipóteses a partir de elementos narrativos como valores, personalidades, ambientes, temporalidade, estruturas sociais, como já foi feito nos trabalhos mencionados, no entanto seria fútil sem haver um contato mais direto com quem está nessa relação, e ainda mais supor que as relações possam ser generalizadas para todos os leitores. O objetivo, assim, foi primeiramente, obter depoimento de ao menos um desses leitores (de Literatura Fantástica) sobre suas experiências ligadas a leitura e a importância da mesma em sua vida.

2 MÉTODO

Para responder ao meu problema de pesquisa, fiz uso da entrevista reflexiva, segundo a caracterização dada por Szymanski (2004). Trata-se da abordagem em que a interpretação do discurso do entrevistado é construída junto do mesmo, a partir da compreensão tanto do pesquisador quanto do sujeito. Essa metodologia, que se mostra coerente com o pensamento fenomenológico-existencial, implica nas seguintes etapas:

- a- Apresentação da pesquisa ao entrevistado.
- b- A primeira entrevista.
- c- Devolução da compreensão dos dados pelo pesquisador, configurando ainda uma nova entrevista.

Participantes: O sujeito entrevistado é do sexo masculino, de 21 anos e Ensino Médio completo, atualmente num curso graduação. Ele foi selecionado conforme os seguintes critérios: a) ser leitor frequente de Literatura Fantástica, e b) ter mais de 18 anos.

Pretendia-se entrevistar duas pessoas, de idades distintas, no entanto a entrevista com o primeiro sujeito convocado foi suficientemente rica para a realização deste trabalho. Foi convocada uma pessoa já conhecida pela pesquisadora, que se encaixava no perfil desejado, e após apresentado o tema do trabalho e o método de pesquisa, ele se comprometeu a participar mediante assinatura de um termo de consentimento (TCLE).

Local e instrumentos: As entrevistas foram realizadas em local conveniente ao sujeito para manter sigilo, privacidade e conforto, e evitar interferências externas. Portanto, data e local foram combinadas com o entrevistado. As sessões (no mínimo duas por sujeito) foram gravadas com autorização e posteriormente transcritas para fazer a etapa de devolução.

Roteiro da entrevista: A entrevista seguiu o seguinte roteiro:

- a- Aquecimento: um momento em que se pode fazer uma apresentação mais pessoal da pesquisa e criar uma atmosfera confortável, podendo-se coletar dados básicos sobre o participante.

- b- Questão desencadeadora: a pergunta que guia a entrevista, possibilitando que o entrevistado discorra livremente em sua resposta, foi “Por que você gosta de Literatura Fantástica?”.
- c- Expressão da compreensão: o entrevistador ocupa um papel ativo ao longo de toda a entrevista. Expõe sua compreensão das informações recebidas, demonstrando atenção ao discurso do outro e por vezes apontando os sentidos que aparecem.
- d- Sínteses: diferente da expressão da compreensão, as sínteses são apresentações descritivas do que já foi dito, com o objetivo de “se apresentar qual o quadro que está se delineando para o/ a entrevistador/a” (SZYMANSKI, 2004, p. 41).
- e- Questões: São intervenções ao longo da fala do participante que buscam esclarecimento, focalizar o tema e aprofundar ideias, quando necessário.

A devolução, que ocorreu num segundo encontro, foi a apresentação da transcrição da entrevista e de uma pré-análise dos dados, para serem submetidas ao entrevistado. Isso garante que haja horizontalidade na produção de conhecimento gerado na relação do pesquisador com o sujeito. Portanto, nesse segundo momento o entrevistado pode confirmar ou não a compreensão do pesquisador, e possivelmente ampliá-la. Para isso, os procedimentos *c*, *d* e *e* se repetem.

Análise de resultados: A análise dos resultados tem como base a hermenêutica heideggeriana, uma interpretação de sentido, como já explicitado na introdução. Para fazê-lo, foi seguido o percurso abaixo descrito, com base no método descrito por Sodelli (2006):

- a- Ler o material transcrito de entrevista (revisado com as devidas correções ortográficas e sintáticas), mantendo um contínuo olhar interrogador.
- b- Agrupar temas para focalizar análise.
- c- Selecionar os focos de maior relevância para o tema de pesquisa.
- d- Descrever uma compreensão inicial sobre cada foco – mantendo-se sempre imerso na totalidade da entrevista.
- e- Elaborar texto descritivo/interpretativo sobre o modo de ser do entrevistado.
- f- A partir dessa interpretação total, voltar às partes da entrevista para construir uma reinterpretação do conjunto.
- g- Gerar um texto analítico sobre os sentidos encontrados, que finalize o trabalho.

3 A ENTREVISTA REFLEXIVA INDIVIDUAL

3.1 Dados do entrevistado

O entrevistado, aqui chamado de “Lancelote” a seu pedido, tem 21 anos de idade e estuda biologia numa universidade federal. Foram realizadas duas entrevistas, ambas no campus de sua universidade, conforme sua solicitação, cada uma com a duração aproximada de uma hora. Com sua autorização, foi utilizado o gravador.

O aquecimento para a primeira entrevista, que tinha como intenção tanto esclarecimentos sobre a pesquisa quanto criar uma atmosfera mais descontraída, resultou em dados muito pessoais que não serão aqui expostos, exceto por alguns pontos diretamente relacionados ao tema dessa pesquisa, ou a que se faz referência na entrevista propriamente dita:

Lancelote se descreveu como “meio avoadado”, e associou isso com sua aproximação a Literatura Fantástica. *“Acho que assim, esse mundo muito tedioso, sei lá, com essa rotina e... sei lá, cara, desde moleque um passatempo que eu tenho é ficar imaginando como as coisas poderiam ser em dadas circunstâncias [...] Sei lá, sempre gostei de ficar abstraindo as coisas, ficar meio... às vezes até entrar numa bolha, ficar trabalhando com possibilidades e etc., comecei a escrever também por causa disso, mas... por ironia do destino eu trabalho atualmente com ciência, que é justamente o oposto.”*

Ele explicou que sempre quis trabalhar com Biologia e Música. Apesar de ter se decidido pela Biologia, alegou que tem retomado a Música, tocando instrumentos e escrevendo letras.

Observa-se que esses dois temas – música e ciência – são importantes de se destacar do conteúdo do aquecimento devido às reflexões que foram feitas ao longo da entrevista.

3.2 Focos de Análise

Os focos de análise selecionados se revelaram a partir de três temas:

- a) leitura de Horror e Ficção Científica
- b) leitura de Fantasia
- c) literatura *versus* Vivência

Do primeiro tema foram selecionados os seguintes focos de análise: *Desconhecido*. Do segundo tema: *Deslumbramento* e *Libertação*. Do terceiro: *Criação* e *Monotonia*.

Em itens, estarão italizadas diferentes partes da fala de Lancelote (predominantemente da primeira entrevista), seguidos de uma descrição e compreensão da pesquisadora que sintetize as informações.

- a) Leitura de Horror e Ficção Científica

Foco: Desconhecido

- *O que me atrai principalmente é essa questão da... sei lá, de... ser algo totalmente novo, você está num universo, você se sente emergindo num universo totalmente novo, muitas vezes caótico [...] um negócio que me atrai, por exemplo, principalmente no horror, é a questão da falta de uma... do seu conhecimento sobre algo [...] acho que na verdade essa é a base do horror, né, você se colocar, você colocar o leitor, espectador, qualquer coisa, numa situação onde ele não tem parâmetros pra lidar. E essa falta de parâmetros quebra a razão e a falta de razão e te transporta de volta pro animal. Você quebra a humanidade do cara e isso é aterrorizante, isso... isso é muito legal.*
- *Então, o horror também me causa uma sensação mais próxima da ficção por conta disso, mas... particularmente o que eu gosto mais, que eu já tinha comentado é de... você perder o chão. Que isso também é uma coisa que vem muito do Lovecraft inclusive. Tem uma frase dele que eu acho que basicamente descreve o que deve ser a arte do horror, que é “o medo é a mais antiga e primitiva sensação humana; e a impressão mais antiga e primitiva do medo é o medo do desconhecido.”. Justamente por isso, porque te quebra qualquer parâmetro que você tenha pra analisar aquilo, e isso é o que mais assusta, porque o homem hoje se vê como um*

animal extremamente racional. Se você quebra essa racionalidade e joga o leitor pra dentro dum espaço onde ele não tenha, onde ele não saiba como agir, não saiba como analisar, não tenha parâmetro pra raciocinar, não saiba nada: cara... ele vira um bebê chorando, tendeu, ele regride toda a evolução intelectual de milhões de anos. Em um segundo, em uma página, em uma cena do filme. E isso, esse choque causa terror e isso é algo que me atrai.

- *Eu já li coisas que você realmente, como leitor, tá tão dentro que você fica em choque, é... mas... até dá umas paranoias, e tal. Mas também li coisas que tá completamente afastado do seu senso de realidade, e esse choque só, você identifica esse momento, esse momento tá sempre explícito, mas ele tá restrito ao universo daquela obra, daquele personagem, e isso fica bastante claro, murado, digamos assim. Mas... não é raro quebrar a quarta barreira, e... e você sentir esse tipo de coisa, na verdade, vai da característica de escrita de cada autor.*

O principal tema em sua descrição da experiência de ler Literatura Fantástica foi o “universo totalmente novo”, que seria uma situação onde o *desconhecido* se revela. Com isso, Lancelote trouxe uma especificação do gênero do Horror, em que esse desconhecido gera o *medo*, pois se perde os parâmetros para lidar com o que se mostra. No terror a principal premissa seria o “medo do desconhecido” e onde a racionalidade é posta em cheque. Lancelote nomeia isso “perder o chão”.

Ele associa sua atração pela perda do chão e pelo encontro com o desconhecido com sua escolha pelo curso das ciências naturais, onde espera poder se deparar com o novo, da mesma forma como ocorre nas narrativas que lê.

b) Leitura Fantasia

Foco: Deslumbramento

- *[...] mas a questão de, sei lá, é você ter... essa quebra com a realidade, acho que é muito atrativo, sei lá. Eu não sei explicar direito, mas... é... não sei explicar direito, mas é um deslumbramento nível, sei lá, o Gildeory Lockhart, depois que perde a memória, sabe? Cada vez que eu começo a ler alguma coisa eu me sinto ele saindo*

da câmara, tipo, 'nossa, isso parece magia!' Porque... é algo tão belo e tão surreal, cara, eu não sei, eu tenho particularmente uma imersão... tem gente que eu sei que não tem isso, mas acho que todo leitor de fantasia tem uma imersão pessoal, uma identificação pessoal com alguma coisa ali, não necessariamente que você consiga identificar, mas... isso também me levou pra jogar RPG, mexer RPG, e todo uma gama que sai até da literatura e entra em outras áreas, quadrinhos, jogos, cinema, teatro, live-actions e por aí vai.

- *É algo novo, mas que também sempre vai te trazer uma surpresa, porque normalmente se baseia em algo, justamente, a fantasia se baseia em algo surreal, então você não tem como reagir àquilo de uma forma pré-preparada, então você tem que continuar, você tem que se deixar levar, você tem sempre algo novo, algo novo, algo novo...*

Quanto à Fantasia, expressou o universo novo (nota-se a ênfase ao *novo* na segunda fala) como gerador de *deslumbramento*. Neste momento da entrevista mencionou uma “quebra de realidade” e “imersão/identificação pessoal” do leitor de Fantasia. Quando ele esclareceu o que é essa quebra, apareceu o quinto foco de análise (Monotonia), o que é coerente diante da descrição insistente do “novo”.

Destaca-se aqui que a Fantasia se estende para outros campos e atividades do mundo do entrevistado, reforçando a importância desse deslumbramento, da quebra-imersão que ele sente na leitura.

Foco: Libertação

- *[...] é, sei lá, acho que a alta-fantasia é um negócio, sei lá, é... eu acho que seria [...] algo... eufórico e nostálgico ao mesmo tempo, eu acho até que seja um negócio mais manso, mais pueril, sei lá. É um negócio que eu... particularmente gosto muito e, sei lá, pra mim, é uma leitura mais relaxante, mais... não sei, mas me deixa positivo.*
- *E no quesito da alta-fantasia, já seria um outro, totalmente um outro caminho. É... mais libertador, mais tranquilizante, mais onírico, talvez, algo mais nostálgico, seria*

uma... é, sei lá, seria uma coisa mais, exaltada, menos racional, menos – algo que eu... eu me prenda pra pensar sobre, e mais algo que me distraia com.

- *Mas esse universo não tem que ter nada a ver com o nosso. Com a nossa vivência real como humanos do século XXI que vão trabalhar nas suas fábricas, nas suas lojas, nos seus laboratórios, pra comprar um pão ou pagar o aluguel, entendeu? [...] E acho que isso é muito mais lúdico, muito mais livre, e acho que esse ponto é extremamente atrativo. Inclusive eu acho que é, quando alguém começa a se interessar por fantasia, acredito que o caminho mais normal ser atraído por esse universo mais lúdico do que o universo mais duro da ficção científica, do horror, do suspense, etc.*
- *De certa forma, é... a alta fantasia é muito mais livre, então você pode trazer algo... quem não quer, por exemplo, ser um... alguém de grande destaque, um grande herói, ou uma figura, sei lá, de referência, etc.? Sei lá, acho que isso é um sonho humano compartilhado por quase toda população. Não ia ser muito mais legal se junto com isso você pudesse lançar magia ou montar num pégaso? Tá. Legal. Mas, porra, isso nunca vai acontecer. Mas daí você abre um livro de fantasia e isso está acontecendo. E você é isso durante aquele momento. E foda-se, sem comprometimento nenhum. Com questões de... com a sua realidade material de agora.*
- *Fica bem mais fácil. É uma fuga, é uma válvula de escape de qualquer forma, como qualquer outra, mas é... sei lá, acho que torna mais... mais, sei lá, é meio que um abraço, assim.*
- *Mas... mas... eu acho que a sensação que você tem te remete a esse período mais deboísta da sua vida, sem obrigações, e tudo o mais, então acho que isso ajuda bastante a criar essa sensação de... de, de, sei lá, de liberdade e desprendimento dessa rotina e tal.*

Explorando mais a diferença de sensações causadas por cada um dos três subgêneros, Lancelote usou para a Fantasia os adjetivos “eufórico”, “nostálgico” e “pueril”, e a leitura nesse caso é para ele relaxante, enquanto nos outros subgêneros há uma “apreensão”, como aparecerá no foco de análise seguinte.

Lancelote refletiu ainda mais sobre a Fantasia e o desejo do leitor pelo universo mágico que é criado, e como a leitura promove uma sensação de *liberdade*. Quando questionado sobre o “retorno” ao cotidiano, ele assegura que fica “mais fácil”. De fato, sua definição para a imersão no universo fantástico é “um abraço”. Ele também confirma que há aí um traço de retomada da infância, na medida em que há desprendimento das obrigações da rotina, novamente traçando um elo com o quinto foco de análise.

c) Literatura versus Vivência

Foco: Criação

- *É... ficção científica, por outro lado é uma coisa que me causa um pouco mais de apreensão. É completamente diferente, é outro viés, e acho que na verdade vem do próprio estilo e de cada autor, tal, mas quando você vê... e eu como... aspirante a biólogo, também não posso me furtar a ficar fazendo análises nesse campo, principalmente da ficção científica, e comparando com a realidade; acho isso um exercício de criatividade bastante interessante. Inclusive, nesse projeto que eu tinha te falado antes de começar a entrevista... [sobre evolução] essa semana, é, a minha, a parte que vai competir a mim, principalmente nesse grupo de estudos, vai ser uma análise da parte científica dentro da ficção na cultura pop. Analisando justamente literatura e filmes de ficção, e tentando ver o que disso de fato traz um viés científico, o que é inventado, isso é coerente, isso tem acertos?*
- *Inclusive, quando eu leio algum trabalho científico, eu normalmente me pego... não é incomum eu me pegar fazendo o caminho reverso. Eu comparando com as bases de conhecimento que eu tenho de ficção; o que, dentro daquele trabalho científico pode ser aproveitado pra gerar um universo verossímil dentro de uma obra de ficção.*
- *Eu gosto dessa sensação de... sei lá, me ver impotente diante de algo novo. Acho que até talvez seja um dos motivos que me levou a querer seguir uma carreira acadêmica, dentro de ciências, de querer ser um cientista, acho que é justamente isso, quero ter essa sensação de descobrir algo novo e falar “caralho, e agora, de onde veio isso, o que eu faço com esses dados, o que é isso?”, precisamente.*
- *Inclusive, acho isso importantíssimo pro desenvolvimento da ciência, acho que deveria ser essencial essa experiência pra um cientista, porque isso instiga a sua*

curiosidade e a sua criatividade. E ciência, querendo ou não é um trabalho de criatividade, você tem que estar sempre fazendo novas perguntas e nunca aceitando uma resposta definitiva, então acho que esse caminho é muito interessante também.

- *[...] então acho que nesse ponto, acho que esse é um papel muito importante da literatura fantástica, em alguns pontos ela supre o papel de, sei lá, de um tratado de filosofia de uma forma muito mais acessível. Você consegue trabalhar ideias, conceitos, de uma forma muito mais subjetiva, acessível e fácil de ser integrada e digerida por qualquer pessoa. Sei lá. Acho que esse é um papel fundamental.*
- *Todo tipo de arte, ele é uma, uma, uma reflexão, às vezes mais ou menos distorcida, às vezes só uma sombra, mas ele é um reflexo do contexto social, histórico, etc., que ele tá inserido; cara, se parar pra pensar que Senhor dos Anéis é... o Tolkien começou a escrever na segunda guerra, os livros, né. Ele começou a criar o universo de senhor dos anéis na primeira guerra e terminou na segunda: cara, você consegue extrair muita coisa disso. Muita coisa. Então... é, sei lá, acho que tem um valor muito grande sim, pra construção do indivíduo, como análise história, etc.*
- *De repente a pessoa começa a traçar relações e vai, e por que não se tornar uma grande referência científica no meio que nasceu por conta de uma abstração literária, uma identificação literária...*
- *Então por um lado tem esse medo, gerando o Cyberpunk, esse medo da, dessa automatização etc., e você tem outra vertente também provavelmente gerada por esse mesmo medo, mas que ainda tem... um lado onírico, um lado sonhador muito forte, muito esperançoso, e ao mesmo... tão grande que não consegue equilibrar com esse medo do avanço exponencial da ciência e da tecnologia, e essa mudança de conformação das relações espaciais, sociais, científicas, e de entendimento de mundo, mesmo, a própria religião acaba caindo um pouco por terra, então... com alguns avanços científicos [...] É... esse medo junto com o sonho, ainda a manutenção desse sonho do avanço e de... também cria o movimento Steampunk.*

Quanto a Ficção Científica, ele relata sua relação com seu campo de estudo (a biologia), e como seu processo de apreensão de conhecimento científico frequentemente é permeado pelas narrativas de Ficção Científica e vice-versa, o que, segundo ele, é um exercício de criatividade, um exercício analítico que ele considera essencial para a prática acadêmica.

Também foi abordado o aspecto que diz respeito aos personagens na Literatura Fantástica, e como a construção destes influencia na imersão na narrativa, não apenas os fatos relatados. “Porque você também se identifica com os valores daquele personagem, as atitudes tomadas por ele, e isso reforça os seus próprios valores, de alguma forma”. Adicionou que esses valores podem ser repensados também a partir de uma reflexão desencadeada pela leitura.

Lancelote percorreu, então, sobre as religiões mortas e as atuais, falando sobre os valores que elas expressam e que deixam rastros na forma de mitologia ao longo da história. Ressaltou como o estudo das religiões mostrou-se rico para compreender o funcionamento de sociedades inteiras. Para ele, a literatura fantástica também reflete valores gerais que fazem parte de seus contextos. Prosseguiu dizendo que enxerga as obras de Fantasia como tratados de filosofia “*de uma forma muito mais acessível*”. “*Você consegue trabalhar ideias, conceitos, de uma forma muito mais subjetiva, acessível e fácil de ser integrada e digerida por qualquer pessoa*”. Acrescentou o valor da arte em geral no papel de expressão de reflexões distorcidas – ou não – sobre a sociedade.

Isso tudo se volta para uma perspectiva de *criação*, de *construção*: científica, artística, filosófica. Na segunda entrevista, Lancelote também trouxe mais um elemento à essa temática ao descrever um subgênero da Ficção Científica chamado “Steampunk⁶”, que em si é uma tentativa de elaborar questões modernas, e é um movimento com o qual ele diz se identificar muito.

Foco: Monotonia

- *[...] mesmo que você não tenha uma rotina na sua vida, é... chega um certo ponto que você já sabe mais ou menos o que esperar. Do que o mundo, que as pessoas, etc. podem trazer pra você. Por isso eu acho que eu gosto bastante de pessoas loucas. Meio, sério. Com algum... que saiam do normal, que sejam fora da casinha. É... chega um ponto que você... se você não buscar ativamente, você para de se*

⁶ Steampunk é um movimento da Ficção Científica que se formou na literatura (Julio Verne seria o autor de mais destaque), com uma premissa anacrônica de tecnologias novas se realizando no passado. Tais tecnologias, no entanto, seriam viabilizadas pela ciência da época correspondente, gerando, por exemplo, aviões e robôs movidos a vapor. As histórias com essa premissa, podem englobar elementos do Horror e da Fantasia também. Esse subgênero, além de ser incorporado no cinema e televisão, também se tornou uma subcultura e estilo estético.

surpreender. Com a vida com as coisas, etc. Eu acho que isso pode ser muito deprimente, isso pode ser muito entediante, é... e aí, a fantasia não é assim, entendeu? Você justamente, foi o que eu te falei, você não tem, você nunca vivenciou aquilo, você não tem escopo pra analisar aquilo.

- *Entendeu?, quanto mais você vive menos apto você está a se surpreender com a própria vida. A não ser que você busque ativamente isso; um dos modos de buscar ativamente isso, acredito que seja na arte e outro na ciência. Justamente porque você trabalha com o espanto, você trabalha com a descoberta.*
- *[...] não sei, desde moleque, eu acho... muito tedioso esse mundo. Mas... e acho que vem um pouco daí também. Provavelmente, mesmo antes de ter esse contato mais com a literatura, eu abstraía de outras formas. Sei lá, eu vivia num mundo à parte, imaginando coisas e fingindo que elas realmente existissem. Então, acho que, acho que o mais raro é eu não estar em busca de uma quebra de realidade.*

Este último foco de análise teve sua primeira menção na entrevista quando Lancelote relatou a quebra de realidade provocada na Fantasia, e essa quebra foi recorrente descrição das sensações que a leitura lhe provoca. Ele esclareceu que tal quebra seria “*com a monotonia, não com a realidade em si, mas com a monotonia*”. Nas falas acima, elaborou a ideia de monotonia que estava em jogo em seu depoimento e da qual escapa ao ler Literatura Fantástica e que está intimamente ligado à libertação que descreve. Também explicitou como foi essa percepção do tédio do mundo, usando a imaginação para evitar uma constante insatisfação na sua história de vida.

3.3 Percepção de Sentimentos

A pesquisadora observou em ambos os encontros uma especial empolgação do entrevistado com o tema – Literatura Fantástica. Percebeu-se que o entrevistado já havia refletido sobre isso, expandindo para outras áreas de conhecimento (filosofia, história, arte, ciências naturais) e tem grande conhecimento específico sobre alguns autores. Porém, em alguns momentos pouco entrou em contato com seu próprio investimento nos assuntos discutidos, como quando perguntei “quais que são os temas que te atraem nisso [literatura] e que são temas que também estão na sua vivência cotidiana?”, e sua resposta

teve entonação de incerteza, direcionando-se para descrições mais impessoais, voltadas para historicidade e valores sociais.

Outra questão é a maneira com que descreve a cotidianidade como império do pré-determinado. Ainda que seja uma ideia carregada de negatividade (experiência de que tenta escapar), não passou a impressão de que de fato o incomoda, como se ele já estivesse conformado ou já tivesse definitivamente encontrado uma solução (no caso, a solução seria o contato com as narrativas fantásticas).

A primeira percepção de que a negatividade da rotina não afeta tanto o sujeito mudou na segunda entrevista. Quando foi um pouco mais aprofundado o relato da experiência de monotonia, Lancelote passou um peso maior para isso, referindo que devido a tal experiência sempre manteve determinada atitude em relação ao mundo, levando-o a uma contínua busca por surpresa e deslumbramento.

3.4 Primeira Compreensão

A compreensão da pesquisadora após leitura e releitura da transcrição da entrevista foi que Lancelote utiliza a experiência da leitura como uma forma de se aproximar de si mesmo, buscando modos mais autênticos de contemplar o mundo e refletir sobre ele. No caso do Horror e da Ficção Científica, isso se relaciona diretamente com sua aspiração a ser Biólogo, juntando o que é fantástico com possibilidades “concretas”. No caso da Fantasia, a autenticidade se destaca conforme ele lê para se afastar duma maneira *pré-dada* de tudo acontecer, de uma cotidianidade dominada pela impessoalidade.

Parece que sua atividade de leitura lhe proporciona possibilidades de criação, conforto e caminhos de contato mais intenso com as coisas, embora ainda permaneça encoberta a maneira como de fato Lancelote vivencia o mundo que ele chama de “monótono”. Seria uma leitura que ele faz de forma distanciada, racional, ou algo que ele sente, como um peso?

Também ainda ficou a dúvida de quais são os efeitos da experiência da leitura sobre todos os âmbitos de sua vida, se ela dissolve a monotonia na totalidade, ou se a afasta em momentos pontuais.

3.5 Compreensão do Segundo Encontro

No segundo encontro foi exposta a compreensão inicial da pesquisadora do conteúdo que Lancelote trouxera, convidando-o a corrigir, acrescentar ou refletir sobre a mesma. Também foram feitos alguns esclarecimentos e aprofundamentos de alguns temas. Este encontro, além de confirmar a primeira compreensão, amarrou nela alguns elementos adicionais.

O afastamento do modo pré-dado de ser do mundo acontece de maneira contínua, de forma que Lancelote está sempre em busca disso. A monotonia do mundo pra ele pode estar relacionada com as expressões diversas da racionalidade humana, uma vez que elas não deixam que o inesperado ocorra. Sua jornada atrás do espanto e da libertação é expressa não apenas no seu enredamento na Biologia, como também em relações interpessoais dentro dum grupo com o qual ele se identifica; tal grupo é gerado por um subgênero literário que reflete os sentimentos que as grandes mudanças que o mundo vem sofrendo produzem no ser humano: O Stempunk. Isso nos dá mais uma indicação para a maneira de Lancelote lidar com o mundo.

4 ANÁLISE DE SENTIDO: MONOTONIA E ABRAÇO

O que foi mais definitivamente compreendido sobre a experiência de Lancelote com Literatura Fantástica e com a temática da narrativa fantástica em geral, é que ele encontra, no que ele chama de “imersão”, um conforto que seu cotidiano não oferece. Sua relação com a fantasia não tem data de início, ou seja, já vem sendo parte de sua história desde sempre. Ler e viver não se separam e a leitura tampouco é *vivida* como uma separação. Há uma “categoria” de elementos que é afastada nessa experiência: a monotonia.

Em suas palavras: *“mesmo que você não tenha uma rotina na sua vida, é... chega um certo ponto que você já sabe mais ou menos o que esperar. Do que o mundo, que as pessoas, etc., podem trazer pra você”*.

O que seria essa monotonia, essa sensação de que o mundo não tem a oferecer senão algo já definido previamente? Autores na fenomenologia discutem este fenômeno como algo próprio da modernidade, que é a chamada “Era da Técnica”. Boss (1975) descreveu diversos modos de angústia que se intensificam com o tecnicismo nas civilizações ocidentais, incluindo o que ele chama de “neurose do tédio”. Heidegger, em *Conceitos Fundamentais da Metafísica* (2011), cataloga três modos de entediar-se e conjectura que o tédio seria a tonalidade afetiva fundamental da Era Técnica⁷. Svendsen (2006) e Spanoudis (1997) associam comportamentos diversos de “hoje em dia” também ao tédio:

“Por que é que, hoje em dia, estas manifestações reveladoras do tédio e as conseqüentes necessidades de compensação por atividades sensacionais, "stress" contínuo, fuga nas drogas, protestos violentos, geralmente acompanhadas por angústia acentuada, são tão freqüentes e insistentes?” (Spanoudis, 1997⁸)

⁷ Heidegger (2011) descreve três modos de entediar-se, e todos têm suas peculiaridades guiadas pela temporalidade. O primeiro modo (ser entediado por alguma coisa), se caracteriza por uma especificidade de situação, onde a fonte do tédio é clara, onde há uma espera e alongamento do tempo conforme essa situação. O segundo modo (entediar-se junto a algo), é marcado pela indeterminação duma fonte de tédio, e o Dasein é deixado como que vazio, e entra num estado de indiferença, não importa o que esteja fazendo, não importa se o que faz o entretém: o tempo é estagnado. O terceiro modo (é entediante para alguém), que é o do tédio profundo, e a tonalidade mais fundamental, seria o que lança o homem de volta a si mesmo, pois tudo no mundo perde seu sentido.

⁸ Não há especificação de página, pois a referência foi retirada do site: <http://www.daseinsanalyse.org/artigo.php?id=1/>

O tédio, nesses pontos de vista, é como um abandono do ser, uma perda de sentidos pela indiferença aos entes como um todo, que ocorre conforme o mundo se movimenta predominantemente pelo pensamento calculante⁹, prevendo todas as possibilidades e, como diz Lancelote, fazendo com que todos já saibam o que esperar da vida. O sentimento que ele descreve, portanto, não parece destoar de observações filosóficas já feitas a respeito do rumo que tomamos de maneira cotidiana. Tais descrições filosóficas, no entanto, não são correspondentes exatas da experiência de Lancelote, e sim uma análise dum movimento geral do ser humano em suas relações.

A monotonia, não obstante, de fato foi trazida por Lancelote de forma pouco vaga, é algo que se apresenta em sua vivência a ponto de que ele queira afastá-la, e associada à facticidade de seu mundo, que tem um lugar histórico a que chamamos Era Técnica.

Mas no que consiste essa Era Técnica, e o que nela pode afetar tão fortemente nossa relação com o mundo e com nós mesmos? Tendo em vista não só a percepção do entrevistado, como também a forma como conceituamos a Literatura Fantástica – a existência de um elemento ou vários elementos que ultrapassam as possibilidades conhecidas da realidade, no decorrer da narrativa –, é pertinente esclarecer mais detalhadamente qual é a essência da técnica.

A essência da técnica

Como diz Critelli (2002) “A técnica é, essencialmente, uma modificação *sui generis* do fazer ou do agir humano.” (p. 84). Esse novo agir humano, uma forma de descobrimento, é guiado em primeiro lugar pelo pensamento científico, calculante, que historicamente vem se constituindo como único modo de pensar “válido”, ditando, portanto, um único *modo de ser* “válido”.

O autor elaborou suas noções sobre a essência da técnica num tom pessimista, apontando para um afastamento do ser humano de si mesmo, uma vez que o pensamento que medita, que é de onde tudo que é humano pode surgir, está sendo gradualmente deixado de lado, por mais que ele mesmo seja o núcleo de onde o pensamento que calcula pode se mostrar.

⁹ Heidegger fez a diferenciação entre pensamento que calcula e pensamento que medita na conferência intitulada “Serenidade” em 1955.

O pensamento que calcula é uma forma de olhar para os entes e entendê-los pela quantificação e causalidade. “O que importa ao pensar é a mensuração e o cálculo do ente, única maneira de se garantir e assegurar sua manifestação. O pensamento, através do Cógito ou Razão, certifica-se do ente.” (Critelli, 2002, p. 86).

Esta forma de olhar, sem dúvidas, trouxe incontáveis avanços e benefícios para a humanidade. Todavia, como o pensamento científico se lança no intuito de dominar os entes, na atitude que Heidegger chama de “provocação”, o mundo desse direcionamento técnico moderno passa a ser visto como fundo de reserva. A *essência* da técnica moderna é essa maneira de descobrir os entes¹⁰. Absorvido nessa totalidade de tratamento de tudo que há como estoque de energia, e perdendo-se a experiência do desvelamento, o ser humano mesmo se torna fundo de reserva.

A partir daí, vemos esse ser humano abandonado por si mesmo, visto apenas dentro da sequência de possibilidades ônticas, enquanto o seu aspecto ontológico – a abertura – é esquecido.

Pensando nas consequências mais práticas dessa configuração, temos um mundo onde tudo é acelerado, quantificado, rotulado. Os caminhos são predeterminados, uma infinidade de informações e estímulos chega fácil e aceleradamente de um lugar para o outro, e as relações humanas começam a ser mediadas pelos instrumentos.

Sem a intenção de cair num buraco de pessimismo, devemos enfatizar que em si, tais fatores não criam pessoas automatizadas. De fato, o que leva a isso é a ausência do pensamento que medita. Heidegger, na conferência “Serenidade” (2001), fala a respeito de uma atitude de “sim e não” em relação ao tecnicismo, de forma que entendamos o que há de bom, o que há de ruim e o que é mistério nele. No entanto, no quadro geral das relações humanas não parece que a “serenidade” tenha espaço: essas são pautadas pela quantificação de tal forma que o próprio tempo é espremido, não existe um momento para a meditação, só para a eficiência.

O caráter eficiente e pré-dado do mundo técnico tem se mostrado sedutor e absorvente, dificultando uma marcha na direção de resolução. Substituindo a nós

¹⁰ Como discutido por Heidegger em 1953 na conferência “A Questão da Técnica”.

mesmos por tudo que a técnica se mostra capaz de fazer, deparamo-nos com a repetição, o cotidiano e suas delimitações inerentes ao mundo técnico¹¹.

“Sem a presença de um si próprio que se constitui por meio do movimento de realização das ações, a superação da dispersão agradável na multiplicidade traz consigo incessantemente uma experiência insuportável de vazio.” (Casanova, 2012, p. 223)

Esse vazio a que Casanova se refere é a morada do tédio, explicitando assim, a mencionada relação entre o mundo técnico e essa tonalidade afetiva. Mas o vazio também é uma crise de onde a apropriação do ser pode emergir.

Autenticidade

Este trabalho é um estudo de caso, e assim seria um afastamento do objetivo meramente discutir o que é a técnica e o tédio que se vê no mundo num sentido *geral*. Portanto, é importante redirecionar a reflexão para o que diz respeito ao entrevistado, ou seja, seu modo *próprio* de lidar com os assuntos que percebemos estarem presentes para ele.

Na conjectura de que algo como o tédio profundo tocou a vida de Lancelote, voltamo-nos agora para a alternativa que ele apresenta para esse estado de espírito: ler narrativas fantásticas. Há duas possíveis funções para essa atividade: sabendo que a qualquer momento pode se deparar com a indiferença à totalidade do ente, Lancelote encontra uma distração que o entorpeça e evite o contato com o vazio; ou ele escuta o tédio profundo e lida com o ser confrontado no banimento temporal do tédio, pois encontra uma forma mais própria de ser na Literatura Fantástica.

A primeira compreensão do depoimento nos levou pela segunda hipótese, e não por acaso. Ainda assim, é prudente nos determos na pergunta e repensar o discurso.

¹¹ “A interpelação produtora da técnica é sempre determinante do nosso agir, pensar e conduzir. A interpelação da técnica nos substitui em nossas decisões e ações. Substitui-nos em nossa responsabilidade, uma vez que ela nos oferece tudo já previamente delimitado. Substitui-nos naquilo que mais nos caracteriza.” (Critelli, 2002)

Como exposto na introdução deste trabalho, a fantasia é frequentemente criticada como método de “escapismo”. Entre essa perspectiva e a que introduzimos agora, a da “distração”, os termos destacados poderiam funcionalmente ser sinônimos, pois implicam que há uma situação a ser enfrentada, seja pela fuga, seja pela ocupação com o interessante. O *interessante*, por sua vez, já foi constatado por Svendsen (2006, p. 28-29) como algo que não elimina o tédio, pois não dissolve a totalidade tediosa do mundo a não ser no exato momento em que se apresenta, servindo como um substituto de valor que é passageiro.

Como sair dessa condição, dessa monotonia, então? Como já mencionado, o tédio profundo pode trazer o ser humano para se ver com o seu ser-aí, uma vez que o caráter pré-dado do mundo o afastara desse fardo – nos modos menos intensos de tédio, os passatempos, distrações, seriam obstáculos para essa realização, que servem para procurar “enganar” o tempo¹². Não deixar emergir o tédio profundo é permanecer na opressão do cotidiano vazio. É aqui que entra a dúvida sobre a experiência de Lancelote: houve uma virada, ele *escutou* o tédio profundo, ou apenas se entregou a uma sequência de ações preventivas contra o vazio que ele reconheceu?

Pensando no que Heidegger (1969) fala a respeito de um *Simplex* – o que ele chama de “caminho do campo” e que é a imagem máxima do contato íntimo com as coisas e com o ser – que se perdeu no ser humano tomado pela uniformidade e tédio entramos num novo conceito que pode trazer respostas para a última indagação e não por acaso é o subtítulo desta seção: A autenticidade.

A autenticidade é, nas palavras de Critelli (1978, p. 35): “o poder-ser-no-mundo-com-os-outros de maneira mais própria”. Isto porque de maneira cotidiana, vivemos na impessoalidade, que por um lado nos ajuda a ser-com-os-outros, mas por outro também pode nos levar a ser ao modo de ser da uniformidade.

“Enquanto o homem está sendo-no-mundo-com-os-outros no modo perdido de si mesmo no mundo e nos outros, ele experimenta a perda da proximidade e intimidade com o próprio mundo. É neste espaço, que se constitui pela cotidiana dominação dos outros, que se abre a uniformidade como modo de ser. Nela o ser

¹² “Como quer que as coisas se apresentem aí, podemos dizer a partir do ponto de vista do passatempo e em consequência de seu intuito mais próprio: no passatempo trata-se de um *empenho por dissipar a irresolução do tempo*.” HEIDEGGER, M. *Conceitos Fundamentais da Metafísica*. 2011, p. 101.

si mesmo de alguém é disposto pela determinação dos “outros”.” (Critelli, 1978p. 46)

Buscar nossa autenticidade é nos confrontarmos com nós mesmos, e entender que há possibilidades próprias e impróprias¹³ de ser, e não é algo que o passatempo, o “interessante” produza, nem as atividades cotidianas. O primeiro meio de sair da decadência – dominação do ser pelo *mundo* – descrito por Heidegger (2012a) foi a Angústia. A Angústia se revela conforme nos damos conta de que temos de ser quem somos e apenas cada um de nos pode fazê-lo. Não podemos nos apoiar nos entes, no mundo – na técnica! A angústia primeiramente abre a janela para o nada, para finitude e, como consequência, para o encontro com o ser.

"Mas só na angústia reside a possibilidade de uma assinalada abertura, porque ela isola. Esse isolamento resgata o Dasein do seu decair e lhe torna manifestas a propriedade e impropriedade como possibilidades de seu ser" (Heidegger, 2012a, p.533)

A angústia, entretanto, embora particular do ser humano, não é recorrente. Ela aparece de forma velada no medo, nas vivências cotidianas, e quando de fato acontece não se sabe de onde vem, nem para onde vai.

Tal como o tédio profundo, essa tonalidade afetiva é, para Heidegger, um vazio de onde a apropriação do ser pode nascer. O tédio, entretanto, seria mais característico de nossa época, como já foi frisado – se o que Lancelote nomeia “monotonia/rotina/tédio” é tédio profundo ou angústia, ou os dois, de qualquer forma está claro em seu discurso que ele não se satisfaz com o que a cotidianidade tem a lhe oferecer.

A autenticidade, uma forma mais própria de ser, foi o aspecto central do que se compreendeu num primeiro relance à entrevista com Lancelote, e é a partir de seu conceito que podemos nos arriscar a determinar o que significa a leitura de narrativa fantástica para ele.

Talvez a passagem mais conveniente para prosseguirmos a análise seja a resposta à pergunta de aprofundamento feita pela pesquisadora, “*Mas aí como fica a realidade depois que você fecha o livro, por exemplo?*” Sua resposta foi a seguinte:

¹³ “Impropriedade não significa algo semelhante a já-não-ser-no-mundo, pois constitui precisamente o contrário, a saber, um assinalado ser-no-mundo completamente tomado pelo “mundo”, e pelo *Dasein*-com os outros em a-gente.” HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 2012a, p. 493.

*“Mais fácil. Justamente, você passou por toda essa euforia, você fez uma... entre aspas aqui, você limpou a alma, você teve seu momento. Então... isso torna muito mais fácil você voltar. Então, beleza, agora... pé na terra... e não, calma, não vou – o café não vai se passar sozinho. A pena mágica não ‘tá escrevendo a minha tese de mestrado... quem me dera, seria muito mais fácil, você só pensa e o negócio vai fazendo! Vamos voltar pro mundo real. **Fica bem mais fácil.** É uma **fuga**, é uma válvula de escape de qualquer forma, como qualquer outra, mas é... sei lá, acho que torna mais... mais, sei lá, é meio que um **abraço**, assim.”*
(negritos da autora)

Há a implicação de uma *fuga*, e de um *momento*, no entanto, o que é esse “*mais fácil*”? Isso não sugere uma alteração na totalidade de seu mundo, ao invés de uma ação sobre o tempo a que pode recorrer várias vezes? Ou ele simplesmente consegue se esquecer num pequeno período que o mundo não se resume a uma tediosa sequência de acontecimentos logicamente previsíveis? O “abraço” seria, afinal, reconfortante por ser fuga (distração), ou por ser descoberta de possibilidades (caminho do campo)?

Se nos atentarmos aos focos de análise da *Criação* vemos que Lancelote, carrega o que vive durante a leitura para fora do momento, suavizando a monotonia do impessoal, atribuindo sentidos novos ao mundo, especialmente na sua atividade acadêmica. Ele ainda se depara com a uniformidade, o tédio, o pré-dado, mas com a lente da fantasia caminha em práticas que possibilitem a reflexão, o deslumbramento ou espanto, sobretudo em relação à Ficção Científica. Ele expressa:

“É... ficção científica, por outro lado é uma coisa que me causa um pouco mais de apreensão. É completamente diferente, é outro viés, e acho que na verdade vem do próprio estilo e de cada autor, tal, mas quando você vê... e eu como... aspirante a biólogo, também não posso me furtar de ficar fazendo análises nesse campo, principalmente da ficção científica, e comparando com a realidade; acho isso um exercício de criatividade bastante interessante.”

Ainda numa vertente mais específica da Ficção Científica, Lancelote também se aventura em discussões sobre a modernidade que caracterizam o Cyberpunk e o Steampunk, que são gêneros voltados para as possibilidades tecnológicas humanas. O segundo, com que o entrevistado mais se identifica, faz um jogo de temporalidade, misturando os benefícios dos diversos instrumentos que a tecnologia proporciona com bucolismo e modos de vida mais simples. Para ele, isso é uma elaboração do *medo* que

vem com os avanços exponenciais da ciência. É interessante notar que isso está presente em sua vida, tal como a própria ciência, e nos faz imaginar que em sua prática acadêmica esteja em constante confrontação com esse medo. Sua prática técnica está permeada pela meditação?

Independentemente das respostas a essas curiosidades, a Literatura Fantástica para Lancelote pode ser incorporada de forma intensa em diferentes partes da vida. Quando fala de seu caminho pela ciência, deixa claro que ele leva as reflexões e sensações da leitura por toda sua andança no mundo, e lhe dá diferentes cores. Ele se inspira através do sentimento da narrativa, e revitaliza seu olhar para os entes ao seu redor. Por exemplo, no Horror, como o próprio nome diz, o medo é a emoção que a narrativa procura despertar. O personagem se vê numa situação amedrontadora e normalmente diante da revelação de algo até então desconhecido. No cotidiano do ser humano moderno, isso dificilmente decorre, na medida em que tudo é explicável pela ciência e os perigos já são nomeados. A vivência de tal emoção dentro da literatura, embora se possa argumentar que não é uma experiência física, dá a Lancelote a ideia do que é se “*ver impotente diante de algo novo*”, como ele coloca, e ele se abre para o choque mesmo dentro da ciência.

Mas não podemos deixar de salientar que Lancelote descreveu diferentes experiências para os diferentes subgêneros da Literatura Fantástica. Falamos da Ficção Científica intimamente ligada à formação acadêmica do entrevistado e de seu fascínio pessoal com a ciência. O fato é que o “*abraço*” de que falamos, foi, de fato, associado na fala dele à Fantasia especificamente – *Senhor dos Anéis, Harry Potter, As Crônicas do Gelo e do Fogo*.

Esse subgênero, que é também o mais popular na cultura popular moderna (como visto na introdução deste trabalho), trabalha noutra lógica, uma que não depende da ciência de nosso mundo. Não se trata de causar choque, e sim estabelecer um “*universo novo*”, como diz o entrevistado. Isso lhe provoca uma sensação de *libertação*. Libertação, possivelmente, como encarar infinitas outras possibilidades. Também há o aspecto “*pueril*”, que ele define como um retorno à infância:

“Mas... mas... eu acho que a sensação que você tem te remete a esse período mais ‘deboísta’¹⁴ [infância] da sua vida, sem obrigações, e tudo o mais, então acho que isso ajuda bastante a criar essa sensação de... sei lá, de liberdade e desprendimento dessa rotina e tal.”

Até aqui, não há sinais de que necessariamente o subgênero Fantasia leva o leitor para uma vida mais autêntica, mas sim menos enfadonha conforme sua extensão para outros passatempos, como RPG, quadrinhos, jogos, cinema, teatro, live-actions. No entanto, Lancelote mostra em seu discurso uma profundidade que ultrapassa a mera descrição de satisfação de imergir na Fantasia. Ele reflete sobre as narrativas fantásticas que encontrou em sua história como “tratados de filosofia”, relaciona-os a valores das sociedades, faz analogia com a religião, e por fim, fala que esse é o papel da *arte* em si.

Na reflexão há mais uma contraposição à uniformidade, massificação, que já concluímos que compõe o universo da monotonia e da técnica moderna. Ou seja, há um espaço na Fantasia para essa meditação, na medida em que, depois do deslumbramento, Lancelote faz paralelos de tal experiência com os outros elementos do mundo, como um novo modo de se envolver com os entes.

Ainda não saímos da questão, todavia. Isso tudo é ou não o surgimento de autenticidade? É ou não é fuga? É possível que uma pessoa faça grandes reflexões e alegações a partir de conceitos dum direcionamento do impessoal, e discutir com um afastamento racionalizado das vivências. Lancelote pode ser inautêntico mesmo dentro de uma atividade que ele considera autêntica. Sua busca por autenticidade pode estar sendo feita por meios inautênticos para ele.

Não se pode afirmar com certeza, e seria muito ambicioso e irrealista determinar por outro ser-aí o que é próprio dele, mas após leituras e releituras das entrevistas, algumas são as características que apontam para uma confirmação da primeira compreensão:

- A partir de suas reflexões sobre Literatura Fantástica, revelam-se atribuições de sentido ao mundo, não o vazio dos entes.

- Lancelote relata que sua infância, antes mesmo da literatura entrar em jogo, ele *“vivia num mundo à parte, imaginando coisas e fingindo que elas realmente existiam”*.

¹⁴ O adjetivo “deboísta” se refere à expressão “de boa”, usada para se referir a um estado tranquilo de humor.

- Ele apresenta uma grande dedicação ao tema e diz que foi decisivo para sua formação como indivíduo.

Vê-se, então, que, embora ele relate que o tédio retorna e dele tem de fugir, ele reconhece na imaginação, na criatividade, um modo-de-ser que é próprio, no qual ele procura insistir desde a infância. Ele já reconheceu a impropriedade presente no cotidiano, e reconheceu que há formas autênticas e inautênticas de se ocupar. Conformar-se à forma cotidiana tediosa para possibilitar o ser-com-os-outros se mostrou para ele frustrante, e, no entanto, na Literatura Fantástica descobriu um lugar onde sua autenticidade é permitida, assim como na Ciência e na Música.

Ele desenvolve sua autenticidade num âmbito que a princípio não prejudica o ser-com-os-outros e responde ao tédio simultaneamente, aparentemente através de um distanciamento-reaproximação contínuos. Ser próprio e impróprio, perder e retomar a autenticidade faz parte do caminho do ser-aí.

Reconhecer a monotonia e se recusar cair num niilismo – pois Lancelote enfatiza a procura por preenchimento –, aqui vemos como um passo no caminho do campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como discutido na Introdução, o universo fantástico foi muitas vezes rejeitado por não se prender no racionalismo, o mesmo racionalismo que rege a Era Técnica e procura dominar os entes.

Mas aproximar-se da arte é uma das grandes maneiras, como o próprio Lancelote diz, de refletir sobre o mundo, de não se entregar, não se escravizar a ele, uma vez que ela mesma é a expressão do que é a cada vez desvelado sobre esse mundo¹⁵. As narrativas fantásticas, além de expressões artísticas, se propõem a mostrar alternativas de realidade e proporcionar experiências que nos desprendam do direcionamento pré-determinado de nossa época.

O depoimento de Lancelote mostra como isso lhe foi benéfico, como isso desenvolveu suas habilidades criativas na *realidade*, na sua vivência. A libertação que encontra na Literatura Fantástica impede que se entregue à indiferença e impropriedade. A libertação mesma aparece graças ao caráter de abertura da concepção desse gênero literário, e nos leva a crer que muitos outros leitores tiram dessa perspectiva um fôlego para se confrontarem com a abertura que eles mesmos são.

Ainda sobram muitas reflexões a se fazer quanto ao papel da fantasia na nossa época, e seria fútil tentarmos iniciá-las neste trabalho, porém o encontro com Lancelote nos mostrou ao menos um modo de acontecer desse fenômeno: um abraço do ser.

¹⁵ “A arte é, pois, um devir e um acontecer da verdade. HEIDEGGER, Martin. *A Origem da Obra de Arte*, 1977. P. 57.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSS, Medard. *Angústia, Culpa e Libertação: ensaios de psicanálise existencial*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1981. 77p.
- CARSON, Rae. Guest post: dear Jo Rowling, you saved my life. 2011. Disponível em: <http://harrypotterforwriters.blogspot.com.br/2011/07/guest-post-dear-jo-rowling-you-saved-my.html>. Acesso em 21 mai. 2014.
- CASANOVA, Marcos Antonio. *O homem entediado: niilismo e técnica no pensamento de Martin Heidegger*. Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia, Cidade, v. 1 n.1 p. 183-223, 2012.
- CESERANI, Remo. *O fantástico*. Tradução de Nilton C. Tridapalli. Curitiba: UFPR, 2006. 158p.
- COSTA, Márcia Hávila Mocci da Silva. *Estética da Recepção e Teoria do Efeito*. Atualizado em: 26 Mar. 2012. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/EST_RECEP_TEORIA_EFEITO.pdf. Acesso em: 29 mai. 2014.
- CRITELLI, Dulce Mára. *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996. 140p.
- CRITELLI, Dulce Mára. Martin Heidegger e a essência da técnica. *Margem*, São Paulo v.1, n.16, p. 83-9, dez. 2002.
- CRITELLI, Dulce Mára. *Educação e dominação cultural: tentativa de reflexão ontológica*. São Paulo, 1978. Dissertação (Mestrado em Filosofia Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980. 152p.
- HEIDEGGER, Martin. *Sobre o problema do ser: o caminho do campo*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969. 72p.
- HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70. 1977. 73p.
- HEIDEGGER, Martin. *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica: mundo, finitude, solidão*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2011. 500p.
- HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Lisboa: Instituto Jean Piaget. 2001. 78p.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Ed. Unicamp: Petrópolis: Ed. Vozes, 2012a.

- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universidade São Francisco, 2012b. 269p.
- HOFF, Patrícia Cristine; VOLCATO, José Carlos Marques. A criação do mundo de Tolkien: *a questão do escapismo em torno d'A Música dos Ainur*. XIX Congresso de Iniciação Científica: Pelotas, 2010. Disponível em: http://www2.ufpel.edu.br/cic/2010/cd/pdf/LA/LA_00973.pdf. Acesso em: 29 mai. 2014.
- KYRMSE, Ronald. *Explicando Tolkien*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 180p.
- LEITE, Carlos William. *Os 10 livros mais vendidos da história*. Disponível em: <http://www.revistabula.com/475-os-10-livros-mais-vendidos-da-historia/>. Acesso em 25 mai. 2014.
- LOBO, Danilo Moraes. *A narrativa fantástica e suas intersecções entre a literatura e a filosofia*. Revista Pandora Brasil, n.40, p. 102-113, mar. 2012.
- LOVECRAFT, H.P. *O horror sobrenatural na literatura*. Tradução de Celso M. Parcionik. São Paulo: Iluminuras, 2007. 160p.
- MARÇAL, Marcia Romero. *A tensão entre o fantástico e o maravilhoso*. Revista FronteiraZ, São Paulo. v. 3 n.3, p. 16-21, set. 2009.
- MARTINHO, Cristina Maria Teixeira. *A linguagem fantástica: uma experiência de limites*. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro, v. XIV, n.4; p. 2239-2255, 2010.
- MARTIN, George R R in: PERRET, Pati. *The Faces of Fantasy: photographs by Pati Perret*. New York: TOR, 1996. Acesso pelo site <http://www.georgerrmartin.com/about-george/on-writing-essays/on-fantasy-by-george-r-r-martin/>
- SÁ, Márcio Cícero de. *Da literatura fantástica: teorias e contos*. São Paulo, 2003. 141p. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- SANTANA, Charles Andrade. *Os 20 livros mais vendidos da história*. Disponível em: <http://charlezine.com.br/os-20-livros-mais-vendidos-da-historia/>. Acesso em 25 mai. 2014.
- SARTRE, Jean Paul. *Situações I*. São Paulo: Cosac Naify, 2005. 312p.
- SPANOUDIS, Solon. *Neurose do tédio*. Revista da Associação Brasileira de Saseinsanalyse, São Paulo, n. 2, 1976. Disponível em: <http://www.daseinsanalyse.org/artigo.php?id=1/>. Acesso em 17 abr. 2015.
- SODELLI, Marcelo. *Aproximando Sentidos: formação de professores, educação, drogas e ações redutoras de vulnerabilidade*. São Paulo, 2006. 250p. Tese (Doutorado em Educação) –Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- SVENDSEN, Lars. *Filosofia do Tédio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SZYMANSKI, Heloisa (org.); ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina C.A.R. *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

USA Today – *USA Today's Best-selling books of last 15 years*, 2008. Disponível em: http://usatoday30.usatoday.com/life/books/news/2008-10-29-top-150-books_N.htm?csp=34/. Acesso em 25 mai. 2014.

ANEXOS

Transcrição da primeira entrevista com Lancelote

I: Por que você gosta de literatura fantástica?

L: Então, posso responder primeiro com uma outra pergunta? O que a gente está considerando como literatura fantástica?

I: Literatura fantástica pode englobar fantasia, alta-fantasia, até conto de fadas; horror, terror; e ficção científica também.

L: Tá, perfeito. Então basicamente é tudo que eu leio na minha vida, se resume a basicamente, filosofia, poesia e esses três...

I: Esses três gêneros.

L: É, o que está fora da biologia pelo menos. Perfeito. É... provavelmente vai ter alguns momentos que eu vou descambar a falar de alguns autores. (risos)

I: Pode ficar à vontade.

L: É... eu não sei, é aquilo que eu falei. O que me atrai principalmente é essa questão da... sei lá, de... ser algo totalmente novo, você está num universo, você se sente emergindo num universo totalmente novo, muitas vezes caótico, você não tem... principalmente, um negócio que me atrai, por exemplo, principalmente no horror, é a questão da falta de... de uma... do seu conhecimento sobre algo, que acho que é... é a coisa que mais, acho que na verdade essa é a base do horror, né, você se colocar, você colocar o leitor, espectador, qualquer coisa, numa situação onde ele não tem parâmetros pra lidar. E essa falta de parâmetros quebra a razão e a falta de razão te transporta de volta pro animal. Você quebra a humanidade do cara e *isso* é aterrorizante, isso... isso é muito legal. Isso é uma coisa que me atrai muito por esse lado. Na coisa de fantasia, alta-fantasia, “talz”, eu tenho carinho especial principalmente pela cultura europeia, medieval e até pré-medieval, questão do império romano, na Europa continental, os celtas, os nórdicos, os povos bárbaros, os vikings, é... “putz”, eu não vou lembrar os nomes de todos agora, mas... enfim, anglo-saxões, e etc. E essa parte, acho que isso principalmente começou a me atrair pra esse lado um pouco, mas a questão de, sei lá, é você ter... essa quebra com a realidade, acho que é muito atrativo, sei lá. Eu não sei explicar direito, mas... é... não sei explicar direito, mas é um deslumbramento nível, sei

lá, o Gilderoy Lockhart, depois que perde a memória, sabe? Cada vez que eu começo a ler alguma coisa eu me sinto ele saindo da câmara, tipo, 'nossa, isso parece magia!' Porque... é algo tão belo e tão surreal, cara, eu não sei, eu tenho particularmente uma imersão... tem gente que eu sei que não tem isso, mas acho que todo leitor de fantasia tem uma imersão pessoal, uma identificação pessoal com alguma coisa ali, não necessariamente que você consiga identificar, mas... isso também me levou pra jogar RPG, mestrar RPG, e todo uma gama que sai até da literatura e entra em outras áreas, quadrinhos, jogos, cinema, teatro, live-actions e por aí vai.

I: Então... o que você está dizendo, então, basicamente é... esse tipo de leitura te promove um rompimento com a realidade

L: Com a monotonia, não com a realidade em si, mas com a monotonia. É algo novo, mas que também sempre vai te trazer uma surpresa, porque normalmente se baseia em algo... justamente, a fantasia se baseia em algo surreal, então você não tem como reagir àquilo de uma forma pré-preparada, então você tem que continuar, você tem que se deixar levar, você tem sempre algo novo, algo novo, algo novo...

I: Tenho uma questão. É... você comentou que gosta dos três, do horror, da ficção e da fantasia. Eles te causam alguma sensação diferente, cada um deles, ou eles englobam essa mesma experiência?

L: Não, eles causam sensações bem diferentes. É. Se fosse pra definir com emoções... é, sei lá, acho que a alta-fantasia é um negócio, sei lá, é... Tolkien, Martin, a Marion... eu acho que seria algo mais... eufórico e ao mesmo tempo... é... me fugiu a palavra. Quando você tem algo... algo que te lembra...

I: Nostálgico.

L: Isso! Obrigado. Algo... eufórico e nostálgico ao mesmo tempo, eu acho até que seja um negócio mais manso, mais pueril, sei lá. É um negócio que eu... particularmente gosto muito e, sei lá, pra mim, é uma leitura mais relaxante, mais... não sei, mas me deixa positivo. É... ficção científica, por outro lado é uma coisa que me causa um pouco mais de apreensão. É completamente diferente, é outro viés, e acho que na verdade vem do próprio estilo e de cada autor, tal, mas quando você vê... e eu como aspirante a biólogo, também não posso me furtar a ficar fazendo análises nesse campo, principalmente da ficção científica, e comparando com a realidade; acho isso um exercício de criatividade

bastante interessante. Inclusive, nesse projeto que eu tinha te falado antes de começar a entrevista...

I: Da evolução.

L: Exato. Na minha, no chá da Paleo[ntologia], que faz parte dessa mini-escola de evolução que a gente está organizando, que aí é mais voltado pros alunos, mais preparatório... essa semana, é, a minha, a parte que vai competir a mim, principalmente nesse grupo de estudos, vai ser uma análise da parte científica dentro da ficção na cultura pop. Analisando justamente literatura e filmes de ficção, e tentando ver o que disso de fato traz um viés científico, o que é inventado, isso é coerente, isso tem acertos? E... e... e alguma projeção que o cara faz, pra alguma coisa que ele não tinha dados na época, mas aquilo acaba sendo concreto, então você... Julio Verne, por exemplo, é excelente nisso... e onde que isso está muito errado, e quais foram as bases na época que... pra criar aquilo, tal. Então é meio por esse viés da ficção. Um deslumbramento, e é... enfim, é um outro tipo de trabalho, é mais analítica, é mais pessoal, e etc.

I: Um pouco curiosa, de certa forma, você fala de uma, um pouco de desmembrar e ver quais partes você pode aplicar na sua realidade, E quais partes você vê que é completa fantasia.

L: Inclusive, quando eu leio algum trabalho científico, eu normalmente me pego... não é incomum eu me pegar fazendo o caminho reverso. Eu comparando com as bases de conhecimento que eu tenho de ficção; o que, dentro daquele trabalho científico pode ser aproveitado pra gerar um universo verossímil dentro de uma obra de ficção. Por exemplo, um livro que eu tava lendo agora do Dawkins, e... falando sobre evolução e não sei o que, e no meio do caminho eu paro e fico "Caraca. Isso daqui bate com tal autor. Com o que tal autor fala na década de... 40. Caraca, isso daqui pode explicar ou ser usado pra fundamentar uma obra de ficção em tal viés". E lendo uma obra científica. Enquanto eu leio uma obra científica. E ao mesmo tempo, numa obra de ficção eu fico procurando algo que... uma contraparte do surreal no real.

E no caso específico do horror, eu não consigo separar muito da ficção científica porque o autor que eu mais...

I: Frankenstein, na verdade, é uma mistura, né.

L: Exato! Frankenstein eu considero, na verdade, mais uma obra de ficção e suspense do que de horror propriamente dito. É... e é uma... eu particularmente acho uma das... com

o Médico e o Monstro, eu acho... assim. Na verdade, os três pilares, acho que qualquer... acho que não é muito difícil discordar disso, mas acho que os três pilares da literatura do século XIX, da ficção científica do século XIX, é o Médico e o Monstro, Drácula de Bram Stoker e o Frankenstein. É... inclusive está, ó, fazendo uma comparação. Pega o Apparatus de Miller, se não me engano, onde foi descoberto... que simula a atmosfera do planeta e tudo o mais, e foram captados os vinte aminoácidos básicos, virou aquela história.

I: De como gerou a vida.

L: Exato, se você pegar o experimento do aparato de Miller, o objetivo, aquilo é Frankenstein. É posterior, é ciência imitando a ficção, a vida imitando a arte (risos), e... cara, é óbvio que, guardadas as devidas proporções, é absurdamente similar. O objetivo do Miller... era, era criar vida, criar dentro de laboratório, replicando as condições ambientais, etc.... o primeiro organismo vivo da história dentro de um laboratório, brincar de deus. Que, guardadas as devidas proporções, é o que o Dr. Frankenstein tenta fazer também. Apesar de ter lá um... todo uma... um significado até religioso, dentro da obra, a questão da alma e do homem, e tudo mais, mas... são ideias, a ideia central é muito parecida. E cara, não preciso nem falar que esse experimento de fato levou a avanços absurdos na ciência. E basicamente compõe toda a base de toda a história pré-biológica, a história natural pré-biológica que a gente tem hoje. Então, esses, essa é uma parte interessante, analisar esses parâmetro, analisar esses... esses... os dois lados da balança, tentar colocar eles dois em pé de igualdade, na medida do possível. Mas no... no horror eu não consigo dissociar muito porque eu particularmente comecei a me interessar por horror lendo esses clássicos e aí eu fui vendo o que tinha de... dali pra cá. Então digamos que eu comecei com Mary Shelley e Bram Stoker, e fui vindo, passei por, pelos decadentistas, Baudelaire, Byron, e Alan Poe, e daí eu me ferrei porque eu cheguei no Lovecraft. E aí é a hora que eu descambaria a falar porque é o que eu... eu fiquei completamente aficionado por esse autor, eu acho ele magnífico, um dos maiores autores da história, talvez da literatura, basicamente criou, cunhou a ficção científica ali. Se você hoje tem qualquer coisa relacionada... a qualquer obra relacionada aliens, ou qualquer coisa do tipo, a uma intromissão extraterrena, vem de lá. Se você relaciona isso com horror, veio de lá. Se você relaciona isso ao sobrenatural, veio de lá. E... e ele faz um trabalho inclusive muito interessante dentro da própria ficção, porque ele era muito estudioso, porra, o cara passava o dia em biblioteca e tinha acesso a muitas coisas,

inclusive novas. Tanto no... inclusive no campo da psicologia, ele trabalha coisas bem recentes pra época, sei lá, em 1920, o cara está... 1916, 1920, o cara está debatendo na literatura, usando na literatura, de forma bastante exímia, sei lá, Freud, etc., que é... eram bem recentes na época, e não tinham se popularizado no cotidiano comum da sociedade da época. E a mesma coisa pra ciências biológicas, pra geologia, etc. O Júlio Verne também fez bastante isso. E aí, enfim, me perdi (risos). Mas é... ah sim, das sensações. Então, o horror também me causa uma sensação mais próxima da ficção por conta disso, mas... particularmente o que eu gosto mais, que eu já tinha comentado é de... você perder o chão. Que isso também é uma coisa que vem muito do Lovecraft, inclusive. Tem uma frase dele que eu acho que basicamente descreve o que deve ser a arte do horror, que é “o medo é a mais antiga e primitiva sensação humana; e a impressão mais antiga e primitiva do medo é o medo do desconhecido”. Justamente por isso, porque te quebra qualquer parâmetro que você tenha pra analisar aquilo, e isso é o que mais assusta, porque o homem hoje se vê como um animal extremamente racional. Se você quebra essa racionalidade e joga o leitor pra dentro dum espaço onde ele não tenha, onde ele não saiba como agir, não saiba como analisar, não tenha parâmetro pra raciocinar, não saiba nada, cara... ele vira um bebê chorando, tendeu, ele regride toda a evolução intelectual de milhões de anos. Em um segundo, em uma página, em uma cena do filme. E nesse choque, pô, esse choque é algo que me atrai. Eu gosto dessa sensação, de, de... sei lá, me ver impotente diante de algo novo. Acho que até talvez seja um dos motivos que me levou a querer seguir uma carreira acadêmica, dentro de... de ciências, de querer ser um cientista, acho que é justamente isso, quero ter essa sensação de descobrir algo novo e falar “caralho, e agora, de onde veio isso, o que eu faço com esses dados, o que é isso?”, precisamente.

I: É, você discute, aí, pelo que eu entendi, dois momentos, o perder o chão, mas também a construção do conhecimento, porque você fala que em algumas obras você vê o início de especulações que a ciência usou, o Miller, por exemplo. Então é interessante como esse “perder o chão” parece que também é uma oportunidade que aparece.

L: Inclusive, acho isso importantíssimo pro desenvolvimento da ciência, acho que deveria ser essencial essa experiência pra um cientista, porque isso instiga a sua curiosidade e a sua criatividade. E ciência, querendo ou não é um trabalho de criatividade, você tem que estar sempre fazendo novas perguntas e nunca aceitando uma resposta definitiva, então acho que esse caminho é muito interessante também. Acho que o ponto, acho que, de

todas as formas, o que trabalha melhor isso é a literatura de ficção e horror. E no quesito da alta-fantasia, já seria um outro, totalmente um outro caminho. É... mais libertador, mais tranquilizante, mais onírico, talvez, algo mais nostálgico, seria uma... é, sei lá, seria uma coisa mais, exaltada, menos racional, menos – algo que eu... eu me prenda pra pensar sobre, e mais algo que me distraia com.

I: É, então, assim, você tinha até comentado “ah, eu gosto de fantasia, mas fui escolher biologia”. Uma ciência. E agora já está mais claro. Não é tão nada a ver assim. Mas você faz essa separação. Fantasia/alta fantasia, do horror. Então... fale mais da fantasia. De como é esse momento que é mais onírico, de exaltação, de romper com o monótono...

L: Cara, é porque... normalmente... isso vem justamente dessa ruptura com o monótono, acho, porque, na base do... se você está trabalhando com ficção você tem que partir do pressuposto de que você tem que ter uma quebra, e pra você ter uma quebra você tem que ter um ambiente extremamente verossímil. Pra causar essa quebra de realidade, pra que ela seja tão abrupta quanto te causaram com o medo. Não seja algo sutil. Na alta fantasia você não tem esse tipo de preocupação. Você já pode começar com uma... um mago chegando num vilarejo onde pequenos humanos fumam cachimbo e moram em tocas no chão. A partir daí, você vai criar seu universo verossímil. Mas esse universo não tem que ter nada a ver com o nosso. Com a nossa vivência real como humanos do século XXI que vão trabalhar nas suas fábricas, nas suas lojas, nos seus laboratórios, pra comprar um pão ou pagar o aluguel, entendeu? Não precisa disso. Isso não está incluso no universo da fantasia. Você está em outro mundo. É... você pode ser, você pode encarnar um, sei lá, um elfo, um anão, que seja um saci pererê, em um mundo totalmente diferente, surreal, e, sei lá, e sair na porrada com um dragão de vinte metros de altura e achar isso... isso ser perfeitamente aceitável: enquanto você está nesse universo. E acho que isso é muito mais lúdico, muito mais livre, e acho que esse ponto é extremamente atrativo. Inclusive eu acho que é, quando alguém começa a se interessar por fantasia, acredito que o caminho mais normal ser atraído por esse universo mais lúdico do que o universo mais duro da ficção científica, do horror, do suspense, etc. É... mesmo obras sendo um pouco mais de verossimilhança tipo um Senhor dos Anéis da vida, se você pegar dentro da... da... de um contexto histórico... puta, me fugiu o nome... Ah, Bernard Cornwell, ele é um escritor de fantasia, mas é uma fantasia mais histórica. Mas mesmo assim, é um ambiente totalmente... sei lá, se você estivesse no século XIV lendo Bernard Cornwell, você poderia falar “nossa, cara, isso está realmente acontecendo”, e não na

hora que você está lendo, na hora que você fecha e vai arar a terra. Porque dentro daquele universo, mas imagina século XXI, entendeu? Mesmo um ambiente historicamente super coerente, verossímil etc., é uma quebra, já, completa do nosso modo de vida e nosso universo. Desde o princípio. Se você pegar um... Desventuras em Série, ou um Harry Potter, que seja, a ambientação já é mais recente. É atual, etc. Mas... logo no início você já se vê em uma situação completamente surreal, você não tem uma aplicação de... você cria uma identificação não pelo modo direto, você não cria uma identificação por... nossa, eu sou esse cara chato indo trabalhar. Você tem uma identificação por outros traços, por anseios, por uma questão mais interna, sei lá. Por aquela manifestação. Com o Harry Potter, por exemplo, primeiro, porque é fantástico, a JK Rowling escreve pra caralho, é maravilhoso. E segundo porque ela coloca aquilo que você deseja, não aquilo que você é.

I: Ah, você está falando o que... é... o que você gostaria de ser, nesse sentido? O que você deseja?

L: De certa forma, é... a alta fantasia é muito mais livre, então você pode trazer algo... quem não quer, por exemplo, ser um... alguém de grande destaque, um grande herói, ou uma figura, sei lá, de referencia, etc.? Sei lá, acho que isso é um sonho humano compartilhado por quase toda população. Não ia ser muito mais legal se junto com isso você pudesse lançar magia ou montar num pégaso? Tá. Legal. Mas porra, isso nunca vai acontecer. Mas daí você abre um livro de fantasia e isso está acontecendo. E você é isso durante aquele momento. E foda-se, sem comprometimento nenhum. Com questões de... com a sua realidade material de agora. Então...

I: Mas aí como fica a realidade depois que você fecha o livro, por exemplo?

L: Mais fácil. Justamente, você passou por toda essa euforia, você fez uma... entre aspas aqui, você limpou a alma, você teve seu momento. Então... isso torna muito mais fácil você voltar. Então beleza, agora... pé na terra... e não, calma, não vou... o café não vai se passar sozinho. A pena mágica não está escrevendo a minha tese de mestrado... quem me dera, seria muito mais fácil, você só pensa e o negócio vai fazendo (risos), vamos voltar pro mundo real. Fica bem mais fácil. É uma fuga, é uma válvula de escape de qualquer forma, como qualquer outra, mas é... sei lá, acho que torna mais... mais, sei lá, é meio que um abraço, assim.

I: E quando que você começou a experimentar esse abraço, então?

L: Isso aí eu já não... na verdade, quando eu tava indo pro terminal, eu já tava pensando exatamente nesse ponto. Eu não sei, cara, eu não sei quando eu comecei a ler fantasia, etc., acho que dos grandes, assim, acho que a primeira coisa que eu li foi Harry Potter. A marca da nossa geração dentro desse contexto, né. A gente cresceu com isso, inclusive a gente tinha uma idade muito próxima dos personagens, rolou uma identificação muito grande, e tal, virou fenômeno mundial. Acho que, que eu me lembre, acho que... que o primeiro contato que eu tive foi com isso. Mas antes disso eu já ouvia falar de Tolkien, por exemplo, já, e até muitas referências que às vezes você não pega quando você é pequeno, mas você vai assistir um filme, você vai ver um desenho na TV, você acaba tendo contato com algumas referências, porque é cultura pop, isso está na sociedade, então... não sei. Ah, acho que na verdade tem um antes, até, se você for parar pra pensar... é... quando a gente é mais criança ainda, aquelas fábulas, os filmes da Disney, ainda na época do VHS, na era de ouro da Disney, então, é... branca de neve, Peter Pan, de uma forma muito mais lúdica, mas também se encaixa perfeitamente nesse contexto, e até, se você for parar pra ver, a Espada Era a Lei. A lenda do Rei Artur, que é um clássico que tanto disseminou, que hoje em dia se perdeu entre ficção e realidade. Então não sei, acho que até antes de Harry Potter acho que começou com isso, e sempre me fascinou esse tipo de coisa.

I: É, e aí como que fica essa transição pra quando você é criança e está assistindo um conto de fadas, pra quando você é um adulto e está quebrando a monotonia? Você acha que tem a ver com essa vivência infantil ou só, é simplesmente uma demanda da sua vivência como adulto, não é...

L: Eu acho que é um pouco dos dois. Eu acho que inclusive, essa sensação de satisfação, na verdade vem desse retorno por um breve momento que você tem, que seja, a... essa, sei lá, a sua infância, você dá uma voltada enquanto você está assim, imerso nesse universo. Não necessariamente dentro de um livro infantil. Você pode estar lendo Game of Thrones, que é um calhamaço de 900 páginas cada livro, com nego morrendo a cada quinze páginas.

I: E sexo a cada trinta.

L: A cada três palavras. (Risos).

Mas... mas... eu acho que a sensação que você tem te remete a esse período mais “deboísta” da sua vida, sem obrigações, e tudo o mais, então acho que isso ajuda

bastante a criar essa sensação de... de, de, sei lá, de liberdade e desprendimento dessa rotina e tal.

I: Tem um desprendimento. E quais são as coisas que ficam, você acha que nesse contato com a fantasia você... você, ah, a gente tem uma identificação com o personagem principal; você quer ser o herói, uma sensação transformativa, quase. Quais são as outras coisas, as temáticas que atraem você, mas que também atraem você na sua vivência cotidiana?

L: Hum, como assim?

I: É, deixa eu ver, expressar isso melhor. Oh, uma história tem várias temáticas que vão aparecendo. Não é só um cara derrotando um dragão. Uma cena, uma imagem, fotografia de um momento, tem a construção narrativa.

L: Sim, e a construção dos personagens também.

I: Sim, quais que são os temas que te atraem nisso e que são temas que também estão na sua vivência cotidiana.

L: Nossa, cara, complicada, hein? Acho que eu nunca parei pra pensar nisso. Acho que, não sei, acho que todo tipo de tema, acho que rola mais identificação acho que, sei lá, da... ou numa situação que você se vê nela, sei lá, um conflito político, ou até uma situação cotidiana, no caso de ficção científica, por exemplo, eu já trabalhei com pesquisa em laboratório, etc., então acho que rola uma identificação no ato, mas, sei lá, acho que é mais uma questão de pessoa pra pessoa, de identificar com a personalidade mesmo, de cada personagem, acho que isso é o que mais atrai e o que mais fica.

I: O personagem. A construção dos personagens, você acha que é o...

L: Acredito que sim. Acho que é, pelo menos, a primeira isca. E... porque o... dentro de literatura fantástica o... os acontecimentos em si, eles são marcantes, eles vão ficar, mas eles não vão trazer nada, sei lá, que... aplicável, do lado de fora da bolha, eu acho, não sei. Claro, você pode tirar lições disso.

I: Como nas fábulas, né.

L: Exato, ou até, é... aí, agora, acho que eu vou dar uma alfinetada em muita gente, mas... até na bíblia. Ou em outras, eu considero, eu sou ateu, eu considero as obras religiosas como, ao mesmo tempo uma obra de filosofia e uma obra de ficção e fantasia. Se você não fizesse, se você eliminar a distinção entre religião e mitologia, você

considerar a mitologia apenas o resquício, o rastro, o fóssil de uma religião que já existiu, mas hoje está morta e enterrada, e aquilo não é a religião em si, aquilo é o que ficou de mais marcante, não mais necessariamente de mais importante da religião da época que ela era viva, digamos assim, mas o que ficou de mais marcante pra história humana daquela religião e daquela cultura. Tem muitos historiadores, estudiosos, inclusive, fazem, dá pra fazer uma, dá pra fazer uma análise inteira da cultura de uma, de todo um povo através da sua mitologia. Então, os seus valores morais, é, o tipo de trabalho exercido, a divisão de trabalho, é... o pensamento vigente, a característica política, em cima de estudos de mitologia e religião. E a mesma coisa pras religiões vivas, um dia... o islamismo vai acabar, o budismo vai acabar, o taoísmo vai acabar, o cristianismo vai acabar, e sendo tão grandes e marcantes como são e como foram, certamente alguma coisa vai ficar. E daqui a cinco mil anos, sei lá, cinco mil anos depois disso, o que vai se saber do cristianismo? Vai ser uma impressão na rocha. Vai ser um rastro, um fóssil do que já foi. E isso não necessariamente vai conter. Talvez nem se saiba que existia uma Igreja. Talvez não saibam que existia um papa. Talvez o nome de Jesus vai ser esquecido. Mas vai ficar a história, pode ficar a história de um herói que morreu por tais e tais ideais e ressuscitou, e o próprio deus pode ter sido esquecido no processo. Mas isso vai estar ligado a toda uma construção moral, etc. Eu acho que dentro de... eu acho que isso não se reflete só nas mitologias e religiões, eu acho que isso se reflete dentro de grandes obras da literatura fantástica. Você tem, você pode, claro, Tolkien puxou muito da... principalmente da mitologia nórdica. Muito. Mas você pode tirar de um Tolkien, de um Lewis, muita, você pode extrair muita coisa em fábulas, porra isso pode ajudar a construir a visão de mundo e a integridade moral de um adulto através da experiência que ele teve com literatura, fábulas, etc., quando criança. E aí sim, nesse ponto os eventos são talvez mais importantes que os personagens. Óbvio que você não vai, voltando ao exemplo do dragão, você não vai trefar com um lagarto cuspidor de fogo de vinte metros na sua vida. Mas os valores implícitos nisso, uma coisa muito mais subjetiva, dependendo do momento que você teve contato com aquilo, dependendo da sua construção pessoal, como aquilo vai afetar sua vida, os valores daquilo podem permear sua vida inteira, ajudar a construir, etc.

I: Talvez daqui a dois mil anos, a história seja que você fica amigo do dragão e saem voando juntos pelo mundo.

L: A história sem fim.

I: E você vai preferir essa história do que outra.

L: Exato.

I: São os valores que se...

L: Exato. É... deixa eu ver se eu consigo puxar algum exemplo... ah, não sei, são coisas que, sei lá fica meio clichê você ficar tentando tirar lições de moral, etc., de um texto. Mas acho que cada um consegue perceber isso de forma até subjetiva e... inconsciente, então acho que nesse ponto, acho que esse é um papel muito importante da literatura fantástica, em alguns pontos ela supre o papel de, sei lá, de um tratado de filosofia de uma forma muito mais acessível. Você consegue trabalhar ideias, conceitos, de uma forma muito mais subjetiva, acessível e fácil de ser integrada e digerida por qualquer pessoa. Sei lá. Acho que esse é um papel fundamental. Acho que isso pode ser também, sem dúvida, acho que isso é uma das coisas que ficam. Inclusive isso também ligado aos personagens construção de caráter num personagem, se rola uma identificação, por que essa identificação? Porque você também se identifica com os valores daquele personagem, as atitudes tomadas por ele, e isso reforça os seus próprios valores, de alguma forma. Com mais ou menos intensidade, vai variar da pessoa, vai variar da obra, etc. Mas acho que isso reforça, ou até pode te dar alguns insights, tipo... você odeia o Joffrey, mas de repente você olha e fala “caralho, eu ajo... assim, será? Porra.” E aí você vai se perguntar e pensar um pouco mais. Pelo menos comigo rola muito isso.

I: É, acho legal que você traz bastante... dessa coisa de como... a importância desse tipo de literatura, e não só como mero entretenimento, mas como uma expressão da nossa sociedade, da nossa história, até da ciência.

L: Até da arte, na verdade. Todo tipo de arte, ele é uma, uma, uma reflexão, às vezes mais ou menos distorcida, às vezes só uma sombra, mas ele é um reflexo do contexto social, histórico, etc., que ele está inserido; cara, se parar pra pensar que senhor dos anéis é... o Tolkien começou a escrever na segunda guerra, os livros, né. Ele começou a criar o universo de *Senhor dos Anéis* na primeira guerra e terminou na segunda: cara, você consegue extrair muita coisa disso. Muita coisa. Então... é, sei lá, acho que tem um valor muito grande sim, pra construção do indivíduo, como análise história, etc. Não sei o que mais.

I: Eu só queria voltar pra um ponto, que você falou na monotonia. Você acha que, então, essa monotonia é um estado... é, no sentido de tédio, assim...

L: Não de tédio, mas de cotidiano, sabe.

I: Rotina?

L: Exato, mesmo que você não tenha uma rotina na sua vida, é... chega um certo ponto que você já sabe mais ou menos o que esperar. Do que o mundo, que as pessoas, etc., podem trazer pra você. Por isso eu acho que eu gosto bastante de pessoas loucas. Meio, sério. Com algum... que saiam do normal, que sejam fora da casinha. É... chega um ponto que você... se você não buscar ativamente, você para de se surpreender. Com a vida com as coisas, etc. Eu acho que isso pode ser muito deprimente, isso pode ser muito entediante, é... e aí, a fantasia não é assim, entendeu? Você, justamente, foi o que eu te falei, você não tem, você nunca vivenciou aquilo, você não tem escopo pra analisar aquilo. Então, nêgo, deixa levar. O que vai acontecer depois você não tem como prever. Então você vai. Você vai, você vai, você vai. E esse espanto, essa liberdade, e essa quebra de realidade, eu acho que é monotonia nesse sentido, assim: porra, a gente está aqui conversando, tal, e só pode acontecer um milhão de coisas legais. Mas não vai passar um t-rex andando por ali. 'Tendeu? É... pode chegar alguém que a gente nunca conheceu, sentar na mesa e começar a trocar ideia com a gente e ser amigo pra vida toda. E ser maravilhoso, essa vivência. Mas dificilmente vai acontecer algo... isso já é difícil de acontecer. Algo mais que isso é praticamente impossível. Entendeu?, quanto mais você vive menos apto você está a se surpreender com a própria vida. A não ser que você busque ativamente isso; um dos modos de buscar ativamente isso, acredito que seja na arte e outro na ciência. Justamente porque você trabalha com o espanto, você trabalha com a descoberta. Então acho que, sei lá, acho que esses dois caminhos, assim, meio que me ajudaram a me definir ao longo desses últimos vinte e pouco, 21, 22 anos.

I: Então. É... eu fiz uma compreensão geral porque foi uma entrevista grande, tal, então eu fui pegando os focos, os assuntos diferentes, nos temas diferentes, tipo: fantasia, ficção científica, horror e alguns outros temas do que você falou. É... então o que eu elaborei foi: que você utiliza sua experiência de leitura como uma forma de... é... de você se aproximar do mundo de uma forma mais sua, autêntica. E no caso da ficção científica isso se relaciona diretamente com a sua vontade de ser biólogo, com a sua... com o seu viés científico mesmo. É... e no caso da Fantasia essa autenticidade é essa também vem num afastamento das coisas do mundo que já são pré-configuradas e causam aquela questão da monotonia que você falou. Então, se você está se afastando disso, é um jeito de você encontrar uma autenticidade, de certa forma. É... ou seja, isso, a leitura pra você aumenta suas possibilidades do mundo, e isso é importante pra você, e você relaciona isso com várias outras coisas da vida, tanto que você menciona filosofia, arte, política, um monte de outros assuntos. E... mas ainda fica a questão de como que realmente é essa busca de evitar a monotonia, de você ser mais autêntico. Então essa foi minha compreensão geral, e você me fala o que você acha disso, se você acha que é mais ou menos isso, que não, se não tem nada a ver...

L: Como é que foi essa última parte?

I: É que eu... ficou uma questão que eu não entendi, se quando você lê, você afasta, ou se depois de ler você ainda consegue deixar essa monotonia menos monótona.

L: Tá, se é algo instantâneo ou...

I: É, ou prolongado.

L: É, é bem por aí, mesmo, só acho que mais diretamente, o que você falou do horror e da ficção, mas acho que mais diretamente seja a ficção mesmo, relacionado com... de atuação, mas, de fato, os dois ajudam muito.

I: É que você disse que eles têm uma associação muito forte pra você, e por isso é difícil separar.

L: Sim, em especial com... por conta de... alguns autores... é... Paul, Lovecraft... enfim, é... acho que é isso, mesmo, na... nessa última questão de temporalidade... dá pra... não é tão instantâneo, na verdade acho que é um pouco no meio-termo, sei lá... é... fazendo uma comparação meio bosta, seria meio uma anestesia, digamos assim,

you continue with that torpor, with that effect for a while, but... not... like if I woke up the next day and “let’s go for a “quest”, “yes!” Uhu!”, not... but... it’s more prolonged than just closing a book, a comic or anything of the kind. “Ah, damn, ‘down to earth””.

I: There is one thing that you also mention, returning to the relationship between Horror and Scientific Fiction. It... you talk a lot about shock, about losing your footing. It... this losing your footing, as it is exactly that, you say that as a reader you lose your footing, or you are just accompanying the loss of footing of the characters? How is this shock, like that?

L: This depends on the work and the quality of the author, I think that this applies to any type of artistic expression, it... then, depending on how, talking exclusively about literature, how much the author manages to transport you into the work. I have already read things that you really, as a reader, are so inside that you get shocked, it... but... it even gives you some paranoia, and so on. But I have also read things that are completely far from your sense of reality, and this shock only, you identify that moment, that moment is always explicit, but it is restricted to the universe of that work, that character, and this is quite clear, defined, let’s say so. But... it is not rare to break the fourth wall, and... and you feel this type of thing, in truth, it is a characteristic of writing by each author.

I: This is both Horror and Scientific Fiction, you think that is a link?

L: I think that in this point, maybe even more Horror, but I think that in this way, even the Scientific Fiction helps Horror to cause this shock through verisimilitude. You increase, you... it... and in this that I think that is, maybe that is the... the reason for passing, of turning the pages of the book and being affected really. Because... you... ‘you have data, ‘you have a solid universe constructed; and you talk, when you are reading you are extremely “wow, this can happen”, and suddenly “damn”, something so bizarre happens that completely breaks that reality of the book, that was completely parallel, perfectly parallel to your reality. Then... not that it is rational, it gives you that hair on the back of the neck, the type “wow, and this happens? it is happening here... it was so perfectly verisimilar... my god”. But...

I: And you expect to find this in your own life? You think, “ah, it could be that it happens here”, you think that this, you would look for this?

L: Hum, depende. Algumas coisas sim, algumas coisas não. é... no campo do Horror, por exemplo, por ser algo mais abstrato, mais, inclusive acho que eu cheguei a mencionar na primeira entrevista, acho que uma das formas de melhor se trabalhar o impacto do horror sobre o leitor... é... criar algo tão bizarro que saia da compreensão daquela pessoa. Então, sei lá, isso acho que não dá pra se esperar, nem se buscar; no cotidiano. Na vida real. Isso, óbvio, temos milhares de coisas, uma infinidade de coisas que a gente não conhece, que a gente não tem capacidade sensorial de perceber. Mas... é ficar caçando pelo em ovo. Mas no ponto da ficção, daí já é mais palpável você pensar que... não que tenha tido alguma influência, mas Julio Verne em 1800, no final de 1800, ele descreve um submarino de força nuclear. Ainda não tinha submarino, ainda não tinha força nuclear. Então... dá pra... buscar um pouco de, talvez inspiração, não sei, nesse lado. E aplicar isso no cotidiano, sim, de fato.

I: Você acha que tem relação, a perda de chão, que na verdade é a quebra da racionalidade, como você falou, a perda de todos os seus parâmetros, você perde. Você acha que isso tem relação com a quebra da monotonia também. Monotonia e racionalidade podem tá ligadas?

L: Sim, sim. Porque... trabalhar com o inesperado né. Se a monotonia tá sendo provocada por aquela questão de rotina, de repetição, de falta de espanto, certamente. Você, um evento, mesmo que completamente surreal e... a parte de tudo aquilo que você compreende como parte da sua existência, sabe, mas mesmo isso, aliás, principalmente isso, talvez, vai causar um espanto, ele vai de puxar pra fora da caixinha, então...

I: Outra coisa, você tá falando da monotonia, mas você também diz que desde sempre você gostou de fantasia. Então você acha que essa monotonia você sempre viveu pesadamente ou se você sempre conseguiu escapatória dela e deixou ela meio suave, como uma coisa que você percebe que tá ali, mas não dá tanta chance pra entrar em contato.

L: Como assim?

I: Se você percebe que as coisas são meio pré-dadas, não acontece nada de inesperado nunca, e aí você pensa “ah, quer saber, vou procurar uma coisa nova”, daí você lei um pouco de fantasia, se desprende um pouco, se sente mais livre. Mas é, suponho que meio que você passa isso há muito tempo, mas teve algum momento da sua

vida que você se sentiu muito entediado, olhou pras coisas e achou elas muito sem graça, ou você já sempre já manteve um afastamento disso com a fantasia?

L: Ah, não, é... se teve um momento, acho que na verdade, o momento é contínuo, não é um momento, é um continuum. Porque... não sei, desde moleque, eu acho... muito tedioso esse mundo. Mas... e acho que vem um pouco daí também. provavelmente, mesmo antes de ter esse contato mais com a literatura, eu abstraía de outras formas. Sei lá, eu vivia num mundo à parte, imaginando coisas e fingindo que elas realmente existissem. Então, acho que, acho que o mais raro é eu não estar em busca de uma quebra de realidade.

I: Entendi. Então, era isso mesmo que eu tava perguntando, se era uma coisa que você sempre tá afastando, ou se é só um modo de olhar e dizer “ah, isso aqui é mais legal”, sabe, não realmente se sentir desanimado com a vida.

L: Não, é algo mais... denso, digamos assim. É, mais crônico.

I: Mais alguma coisa que você pensou, que você lembrou desde a primeira entrevista?

L: Cara, na verdade, eu cheguei a ter umas... autodiálogos, digamos assim, bastante interessantes sobre esse tema, só que... eles tão me fugindo à mente. Mas... sei, ah, só uma coisa que eu lembrei, não sei se cheguei a comentar. Mas falando, quando a gente conversou sobre o impacto da ficção científica, sobre a busca dessa quebra de realidade que você encontra na literatura, *na* realidade, você transpor na realidade... cara, é... o próprio Hawkins, um dos motivos pra ele ter... um dos... fatos pra ele... enfim. O arranjo de coisas que levou o Hawking a estudar na faculdade de física a questão do tempo e do espaço, distorções no espaço-tempo, foi a recém-lançada na época série do *Doctor Who*. E beleza, é ficção. É... talvez seja mais alta-fantasia do que ficção científica apesar de trabalhar temas científicos, ela é um absurdo físico e... mas... mesmo assim, mesmo que seja algo completamente surreal, é uma maneira de você trabalhar ideias, de você introduzir ideias científicas e... e até bastante avançadas, e até de você criar especulações mesmo que você não tenha muita base pra isso, mas você criar especulações e... sabe, estender isso tanto pra comunidade científica quanto pro público geral... e que... porra, por mais inverossímil que seja, foi inspiração pro maior gênio vivo da humanidade e um dos maiores cientistas da história, então, por que não

you tá lendo um Alan Poe ou um, sei lá, começar a ter uns insights sobre o intelecto, o desenvolvimento do intelecto humano e querer trabalhar isso e mesmo que por uma influência indireta, você de repente pode descobrir um... desvendar coisas, dar acesso a uma ótica completamente diferenciada. Porque não você tá, sei lá, o que impede uma criança de se interessar pelo estudo da história porque quando mais novo o pai, quando pequena essa criança teve contato através do pai ou da mãe, sei lá, com o universo do Tolkien e se interessou por história. De repente a pessoa começa a traçar relações e vai, e por que não se tornar uma grande referência científica no meio que nasceu por conta de uma abstração literária, uma identificação literária, ou sei lá... por que não alguém que era fã de *Harry Potter*, que acompanhou a série desde o começo, hoje pode tá, sei lá, no doutorado, em física e a pessoa de repente se pergunta, “cara, se”, falando, óbvio, não jeito de lançar, fazer um cervo de luz, mas, “cara, magia nada mais é senão uma física aplicada de algo que a gente ainda não compreende”, e o cara começa a pesquisar fenômenos bizarros, e descobre uma nova aplicabilidade de uma técnica já conhecida, ou um... um novo tratamento de uma teoria, ou... muito da física quântica surge assim, por exemplo. Cê tem... pô, é... a própria radiação, se a gente não tivesse alguém movido por curiosidades completamente bizarras pra época, a gente ainda acharia que é uma pedrinha mágica. Que cura a doença, dependendo se você é um bom ou mau menino.

Então acho que... sei lá, acho que vem muito nesse sentido. Principalmente, no meu campo, principalmente a ficção. Talvez na área de humanas a... o Horror ou a alta Fantasia sejam mais aplicáveis, não sei. Ah, melhor exemplo disso é um campo inteiro da física e da biologia unidos, e que surgiu basicamente em função da euforia causado pelo, pelo Wells e outros psicopatas escritores do início do século vinte gostavam de assustar a galera. Que é a astrobiologia. Que busca vida fora da Terra, a gente só tem a, talvez, um dos maiores gatilhos, que pelo menos na minha visão, pra se buscar a vida fora da Terra cientificamente, pra criar esse interesse é Literatura Fantástica, porque foi onde isso começou a se tornar acessível ao público e começou a ser introduzido a ideia de... de... uma forma de vida alienígena, a ideia, essa quebra com o antropocentrismo de “nossa, olha, nós somos homens, nós somos a espécie inteligente do universo”, não. Se só na Terra tem alguns milhões de espécies diferentes, com... com gradientes diferentes de capacidade cognitiva, e que talvez o homem nem seja o mais brilhante desses... por que não... sabe, em um espaço tão mais amplo do que a Terra, se uma pequena heterogeneidade de ambientes em um espaço reduzido restrito num planetinha azul

perdido no espaço, produziu tudo isso, cara... em um mar de possibilidades literalmente que é o cosmos, cada planeta é literalmente um mundo novo. A química é diferente, a física é diferente, por que não, qual é a chance de não haver uma biologia e dessa biologia ser diferente?

Então acho que, um dos gatilhos disso foi a entrada de, sei lá, Lovecraft com o... os seus *Great Ones*, *Deep Ones*, etc. é... a entrada do... ai, caramba, me fugiu o nome. Arthur... ah, desgraça, me fugiu o nome. Enfim, é um, é um outro escritor do mesmo gênero do Lovecraft que também trabalha o horror cósmico. Que também faz essa abordagem, é... o H.G. Wells com o *Guerra dos Mundos*, muito mais pra frente o Douglas Adams com o *Guia*. Se não consegue dar a base científica pra um estudo disso, pelo menos dá o gatilho pra alguém criar, buscar criar mesmo essas bases e fazer esse tipo de pesquisa, então... acho que é... o estímulo da criatividade, da fantasia, é extremamente benéfico pro desenvolvimento da ciência por esse ponto. Por você... ter novas ideias. E isso, de novo, é um continuum. Isso vai se retroalimentando. Assim como aquela fuga, essa busca, por outro lado, também, é um processo de retroalimentação. Você cria, você lê algo, isso cria uma curiosidade, você faz uma pesquisa ou cria algo, desenvolve uma nova linha pra sanar essa curiosidade. Mas ao mesmo tempo você ainda é movido pela mesma paixão, isso faz você voltar àquela fonte, e dentro desse conhecimento que você tem você tem outra ótica, um outro ponto de vista, que vai te levar a corrigir alguma coisa naquele projeto inicial, que vai te levar de volta praquela campo mais abstrato, que vai te dar um insight pra outra área, talvez você abandone esse projeto e vai seguir em outro ou talvez junte as duas coisas, e assim vai.

I: Imagina, então, um diálogo entre um cientista que se baseia numa obra, e ela também vai se desenvolvendo com base nas descobertas dele e aí eles alimentam um ao outro.

L: Seria genial, seria brilhante, pros dois campos, pros dois campos.

I: É, eu acho que na verdade *Doctor Who* meio que faz isso também, né, é uma série de cinquenta anos, ela vai se atualizando.

L: Ele vai se atualizando. A própria ideia, a própria concepção de tempo que aparece no início da série e na nova, na nova linha, do... do Moffat. São diferentes. A parte física, a parte científica mesmo, por trás da ficção é diferente, a concepção de tempo mudou.

Isso em advento do Hawking, que começou a estudar essa questão, influenciado pela concepção antiga de tempo do *Doctor Who*! Então na verdade, isso que você falou *está* acontecendo; e de forma tão genial que é a série mais longa, televisiva, a série mais longa e bem-sucedida da história da humanidade, e uma das mentes mais brilhantes e bem-sucedidas da história da ciência. Se retroalimentando. E trazendo gente nova pra trabalhar com isso também.

I: Arrastando gerações com isso, né.

L: Tem um camarada meu da física aqui que... quer trabalhar com a questão temporal, influenciado principalmente por Hawking e *Doctor Who*.

I: Mais alguma coisa?

L: Não sei, eu tinha...eu tinha tido uma treta comigo mesmo esses dias, mas não to conseguindo me lembrar; eu lembro que eu cheguei a uma conclusão bastante interessante sobre mim mesmo. E foi um pouco relembrando essa primeira entrevista. E também influenciado por um episódio de *Doctor Who*. "Silence in the Library". A ideia de biblioteca me fascina. Que é... a ideia de você ter todo o conhecimento da humanidade com acesso livre e reunido e catalogado, mas eu não lembro, não consigo recordar agora como foi exatamente esse diálogo. Mas eu lembro que eu fiquei até bravo comigo mesmo. É, eu sou meio louco, eu faço esse tipo de coisa comigo, dialogo, eu me chamo pra sair. É, é uma loucura saudável. E produtivo. De novo, outra forma de se estimular; a criatividade, alguém com estímulo pra novas ideias, pra alguém que trabalha com questionamento, com novas ideias.

Mais alguma coisa que precise de esclarecimento?

I: Depois da primeira entrevista você comentou que se esqueceu de falar de uma coisa, de Steampunk. Você gostaria de falar sobre isso?

L: Puta, Steampunk é fantástico. Cara, Steampunk é um gênero de... de ficção que começou na literatura, inclusive um dos maiores expoentes, sem saber, antes de ser criada a forma e de ser dado o nome, um dos maiores expoentes é o próprio Verne, que a gente já falou bastante na última entrevista, que é genial, cara. Na verdade ele nasce de duas vertentes, né, do... bom, na verdade ele é gêmeo de uma vertente que dá origem a dois campos. O Cyberpunk, onde cê vai ter *Matrix*, *Blade Runner*, grande parte das obras

do Asimov, esse tipo de coisa; bem mais futurista, mais “dark”, tentando trabalhar com a... a... a perda da humanidade pela... pela automatização do homem e do ser vivo, etc., e por outro lado, isso nasce do momento entre a segunda Revolução Industrial e a Segunda Guerra Mundial. Que é... cê tem aquele boom de esperança, por um lado, de possibilidades, de “ai, vai dar tudo certo, a tecnologia vai consertar o mundo, o homem nunca esteve tão próximo de se tornar um deus entre seus iguais, e vamos lá, isso vai ser...” e você tem nesse período, não resolve nada, super exploração de recursos, Maltos entrando e dizendo que vai morrer todo mundo, duas guerras mundiais... craque da bolsa de 29, super potências se formando e sendo diluídas, o princípio da Guerra Fria, mas... mas também um avanço da medicina como nunca tinha se visto, um avanço da tecnologia como nunca tinha se visto, um avanço da ciência como nunca tinha se visto, isso completamente exponencial. É... automatização de trabalhos, a mudança das relações humanas, é, a relação com a natureza, a relação entre os homens, as relações de trabalho, da relação com o tempo, do próprio tempo de vida alterado em função dos avanços medicinais; tudo isso junto. Então por um lado tem esse medo, gerando o, o Cyberpunk, esse medo da, dessa automatização etc., e você tem outra vertente também provavelmente gerada por esse mesmo medo, mas que ainda tem... um lado onírico, um lado sonhador muito forte, muito esperançoso, e ao mesmo... tão grande que não consegue equilibrar com esse medo do avanço do... desse avanço exponencial da ciência e da tecnologia, e essa mudança de conformação das relações espaciais, sociais, científicas, e de entendimento de mundo, mesmo, a própria religião acaba caindo um pouco por terra, então... com alguns avanços científicos, a questão que eu falei há pouco, o trabalho com... com a possibilidade de vida fora da Terra só é possível se você tirar toda a divindade imputada ao longo de milhares de anos ao ser humano. A gente é só mais um bichinho, fruto do acaso, que pode ser rato de laboratório de uma outra espécie na boa. Tendeu. É... esse medo junto com o sonho, ainda a manutenção desse sonho do avanço e de... também cria o movimento Steampunk.

I: Mais otimista;

L: É, ele é menos fatalista, não diria mais otimista, mas é menos fatalista.

I: Quase consegue equilibrar com o medo.

L: Só que o equilíbrio não se dá através da união dessas coisas, se dá através... de um Frankenstein, digamos assim. Você não consegue dar pesos pra esse medo e pra

essa esperança e pra essa busca pelo avanço e ao mesmo tempo uma sensação... é... de necessidade bucólica, de busca bucólica que... ai, caramba, esqueci aquela palavra de novo. A mesma que eu tinha esquecido.

I: Nostálgico.

L: Isso, obrigado. De nostalgia. Não sei por que eu sempre esqueço essa palavra. Então, você não consegue dar pesos a isso, você não consegue balancear então o que você faz? Junta. E aí você tem esse avanço, o trabalho das ideias desse avanço, o que é o futuro pra eles, é um futuro mais próximo do que o Cyberpunk que aí vai trabalhar com andróides, exploração espacial, esse tipo de coisa; chip dentro da cabeça humana pra controlar os seus atos que é o... um filme do Tom Cruise, genial, que é uma bosta a atuação dele, mas... que é essa ideia; esqueci o nome. Não, é um antigo. Que ele... que a sociedade inteira, ela é apática. Ela é criada pra ser apática, ela é monitorada o tempo inteiro, e a galera toma uma droga que é pra quebrar o bloqueio emocional; que é químico, que é tecnológico, e é social, e isso é Cyberpunk. O Steampunk é uma coisa um pouco... um futuro mais próximo, só que jogado no passado. Por causa dessa sensação do bucolismo e desse medo do avanço. O resultado disso é que você tem Zeppelins que não são uma cabininha de avião. Você tem Zeppelins carregando naus. Fazendo "airships". Os barcos voadores.

I: Fica meio atemporal.

L: Exato! Isso é lindo! Eu acho esteticamente muito bonito. Você tem, é... andróides humanoides na época vitoriana. Tem... viagem no tempo desenvolvida em 1600. Dentro desse universo. Inclusive, muito da... da... muitas das obras se originam nesse contexto, de trabalho com o tempo, de você quebrar alguma trama temporal e isso provocar uma descoberta exponencial de... de tecnologias e novas ideias chegando, e mecanismos... sem ter a tecnologia que a gente tem hoje pra criar esses mecanismos, então... você vai ter um "motherfucker" tem um trem bala movido a vapor e feito de madeira. E isso saiu um pouco, isso começou na literatura e isso extrapolou, virou literalmente uma tribo. No sentido "gíria dos nossos pais anos 70 e 80". Virou literalmente uma tribo! É... você tem hoje esse movimento disseminado e aí eu faço parte de alguns grupos e tudo mais, que eu... adoro, é uma coisa que me pegou muito forte, mas tem esse movimento disseminado no teatro, na literatura, na música, no cinema, na moda, na... até no... tratamento em algumas relações pessoais, dentro de alguns grupos, é... na...no design,

tudo isso, entendeu, então já se expandiu, já extrapolou todas as barreiras literárias. E, e... é hoje algo que se você souber onde buscar, você encontra, na prática. Já aconteceu comigo de eu ir numa convenção e eu de fato ver um cara que, ele não tinha uma perna, e ele mesmo criou a prótese dele inspirado na literatura Steampunk, ele teve essa ideia, e ele criou a própria prótese com madeira e bronze, estanho, esse tipo de coisa... com design referente à moda Steampunk, então você tem o lado criativo do cara sendo trabalho, você tem o lado científico do cara sendo trabalhado, o lado artístico do cara sendo trabalhado... na aplicação prática da resolução de um problema, que era a falta da perna, dentro da nossa vivência real, tudo isso aplicado e estimulado por um conceito abstrato criado na literatura no começo do século XX. É mais ou menos por aí, assim. É bem legal. Inclusive é uma... algumas ideias, você pode tirar daí a... até veículos não poluentes. Podem vir a partir desse tipo de ideia e tal. Mas, tipo o submarino do Verne que trabalhava com fissão nuclear e enguias. A eletricidade, as baterias eram carregadas por enguias elétricas.

I: E por que é *punk* no nome?

L: Punk é tudo aquilo que tá à margem. Punk é literalmente *marginal*, o movimento punk, inclusive, musical, do estilo também, da tribo punk, é por causa disso.

I: Mas nesse caso, por que se identifica como algo marginalizado?

L: O Cyberpunk é algo mais crítico, dá pra entender porque. No Steam, acho que tem essa questão também, na verdade nunca pesquisei muito a origem histórica do nome.

I: Provavelmente tem dessa coisa de ir contra a corrente.

L: Provavelmente; de querer, de, é, de ser do contra, e tal. E também porque era algo... sempre foi algo, que é, tá crescendo agora o movimento Steampunk, mas sempre foi algo muito exclusivo, mas não exclusivista, digamos assim. É... poucas pessoas tiveram contato com a essência do negócio, realmente levaram isso pro seu modo de vida, pras suas rotinas, etc. Sempre foi algo meio underground, então acho que vem um pouco daí também.

I: Mas isso de ser um *Frankenstein* já evidencia que não é só contra a corrente, eles estão tentando elaborar isso, mudanças que... é sim e não.

L: Exato, e o pessoal fica em cima do muro e não consegue se decidir; então o jeito que eles encontram é: a gente tem uma saudade do passado. Mas cara, ia ser, é tão legal poder voar. As caravelas eram tão bonitas; ah, mas eu tenho medo de avião. Então você tem uma caravela num Zeppelin saqueando Londres com piratas aéreos. Legal, parece justo pra mim.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Eu,....., portador da cédula de identidade , tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo “A narrativa fantástica e seu leitor: uma aproximação fenomenológico-existencial”, recebi da Sra. Isadora Rath Kolyniak, portadora da cédula de identidade 52.041.674-0, da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a investigar a relação entre leitores e narrativas fantásticas.
- Que a importância deste estudo é de obter elementos que enriqueçam a perspectiva de análise em campos da psicologia.
- Que os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: chegar a uma compreensão sobre o papel da literatura fantástica na vida do participante do estudo.
- Que esse estudo começará em fevereiro de 2015 e terminará em junho de 2015.
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: serão entrevistadas duas pessoas e seus depoimentos serão transcritos e interpretados na colaboração entre pesquisadora e entrevistado.
- Que eu participarei das seguintes etapas: entrevista em dois encontros.
- Que os incômodos que poderei sentir com a minha participação são os seguintes: nenhum.
- Que os possíveis riscos à minha saúde física e mental são: nenhum.
- Que deverei contar com a seguinte assistência: N/A, sendo responsável(is) por ela: N/A
- Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente são: maior clareza sobre a importância da leitura de literatura fantástica em minha vida.
- Que a minha participação será acompanhada do seguinte modo: pela pesquisadora ao longo das entrevistas.

- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.
- Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.
- Que eu serei indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa, podendo ser encaminhado para Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Campus Monte Alegre).
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço d(o,a) participante-voluntári(o,a)

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Contato da pesquisadora: Srta. Isadora Rath Kolyniak

Domicílio: Rua Antônio Pereira Tendeiro, 186

Bairro: Vila Pouso Alegre CEP: 06402-070 Cidade: Barueri

Telefone: 4198-5523

Endereço d(os,as) responsável(is) pela pesquisa:

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Endereço: Rua Monte Alegre, 984.

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: Perdizes CEP/Cidade: 05014-901 São Paulo

Telefones p/contato: 3670-8000

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP Edifício Reitor Bandeira de Mello, térreo, sala 63-C, Campus Monte Alegre, Perdizes. Telefone: 3670-8466

Assinatura ou impressão datiloscópica
d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal
e rubricar as demais folhas

Nome e Assinatura do(s) responsável(is) pelo estudo (Rubricar
as demais páginas)